CÂNDIDO



SETEMBRO 2015 www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Obra mais conhecida de Franz Kafka, *A metamorfose*, Cem anos de estranhamento publicada em 1915, mudou o mundo ao sugerir múltiplas abordagens para a história de um homem que se vê transformado em inseto

EDITORIAL

á cem anos o escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924) publicou *A metamorfose*, narrativa breve que alguns definem como novela, outros, como conto. Independentemente deste detalhe, o texto de ficção, veiculado em um primeiro momento nas páginas de uma revista, tornou-se um clássico.

A metamorfose é conhecida até por aqueles que não leram o texto. A obra coloca em cena um caixeiro-viajante, Gregor Samsa, que, após uma noite de sonhos intranquilos, acorda transformado em um inseto gigante. A literatura nunca mais seria a mesma depois dessa metamorfose.

O Cândido traz nesta edição, a de número 50, um especial sobre o livro e o seu autor. Uma reportagem apresenta discussões sobre enredo e linguagem, o impacto da obra no imaginário mundial, o significado do adjetivo kafkiano — tudo isso a partir do ponto de vista dos professores Daniel Puglia, da Universidade de São Paulo (USP), Gerson Roberto Neumann, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Lourival Holanda, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Paulo Soethe, da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Outro texto jornalístico recupera o percurso do escritor tcheco que, além de *A metamorfose*, escreveu — em alemão — obras que são consideradas, sem nenhum exagero, geniais, como *Um artista da fome*, *O castelo* e *O processo* — textos continuamente adaptados para o cinema, teatro, quadrinhos e, além disso, matéria-prima, fonte de inspiração, para obras literárias escritas em diversos pontos do mundo.

O professor da Universidade de Brasília (UnB) Flávio R. Kothe discute, em um ensaio inédito, aquilo que, no entendimento dele, é o tema mais importante na produção de Franz Kafka: a culpa.

Boa leitura!



Marília Costa llustração

EXPEDIENTE



Cândido é uma publicação mensal

da Biblioteca Pública do Paraná







Governador do Estado do Paraná: Beto Richa Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Lucas de Lavor e Kaype Abreu

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Franco, Marília Costa, Marluce Reque

e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

André Calliman, Antonio Costa, Bianca Franco, Edyr Augusto, Flávio R. Kothe, João Urban, Kraw Penas, Leo Gibran, Marília Costa, Marluce Reque, Nilson Monteiro, Raimundo Carrero, Victor H. Turezo e William Teca.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



Dois anos de Mário Lobo

A Biblioteca Pública Mário Lobo (BPML), em Paranaguá, comemora dois anos de atividade. Primeira sucursal da Biblioteca Pública do Paraná no Estado, a Biblioteca funciona, desde 2013, em um edifício histórico, que até 2007 abrigava a Santa Casa da cidade. O novo espaço recebeu um acervo de 10 mil volumes, que inclui livros

de Literatura, Artes Visuais, História e Geografia, entre outras áreas do conhecimento. O prédio foi completamente reformado, ganhou mobiliário, equipamentos de informática, auditório e espaço para exposições. O projeto da Biblioteca Pública Mário Lobo foi realizado pela Associação dos Amigos da Biblioteca Pública do Paraná e viabilizado pelo Ministério da Cultura, via Lei Rouanet com patrocínio da Renault do Brasil, Copel e Terminal de Contêineres de Paranaguá.

George Ermakoff Bibliotecas brasileiras



Melhores Bibliotecas

A Biblioteca Pública do Paraná é uma das 11 instituições incluídas no livro Bibliotecas Brasileiras (G. Ermakoff Casa Editorial, 2015), publicação que apresenta os principais acervos do país. A obra traz detalhado histórico sobre as bibliotecas selecionadas e seus conteúdos, além de imagens atuais das edificações. A BPP foi fundada em março de 1857 e, desde então, teve 13 sedes. O atual prédio, tombado pelo Patrimônio Cultural, foi inaugurado em 1954. Com 8,5 mil metros quadrados, foi projetado pelo engenheiro Romeu Paulo da Costa (1924-2014) e é um marco da arquitetura modernista do Paraná.



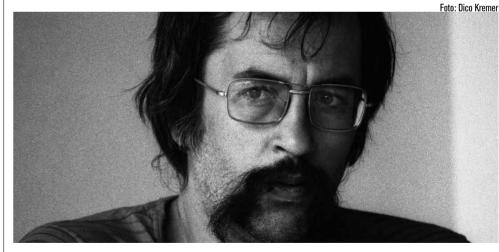
Profice

O governador Beto Richa anunciou a liberação de R\$ 25 milhões para custear os projetos do primeiro edital do Programa de Incentivo à Cultura (Profice). São projetos das áreas de artes visuais, audiovisual, circo, dança, literatura, livro e leitura, música, ópera, patrimônio cultural material e imaterial, povos, comunidades tradicionais e culturas populares e teatro. O anúncio do recurso foi feito em solenidade na Secretaria de Estado da Cultura, junto com o secretário João Luiz Fiani. É a primeira vez na história do Paraná que o governo estadual libera recursos de renúncia fiscal para incentivo à cultura. Lançado em dezembro de 2014, o edital teve 703 projetos inscritos. As inscrições foram abertas em dezembro e ficaram disponíveis por 107 dias.

Troféu Gralha Azul



Já está disponível edital do 36° Troféu Gralha Azul. Para concorrer ao prêmio dedicado aos profissionais do teatro paranaense, os produtores devem se inscrever no site do Teatro Guaíra: www.teatroguaira.pr.gov.br. O prazo vai até 1º de junho de 2016. A premiação do Troféu Gralha Azul é realizada, anualmente, pelo Governo do Paraná, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e do Centro Cultural Teatro Guaíra.



Leminski 7.1

Para comemorar os 71 anos de Paulo Leminski, a Casa da Cultura Polônia Brasil lançou uma edição bilíngue da obra Meu coração polaco voltou/Powróciło moje polskie serce. O livro traz 60 poemas de Leminski em uma tiragem exclusiva de mil exemplares. A primeira versão da obra foi publicada na Polônia, no final de 2014, e ganhou tradução conduzida por Piotr Kilanowski, pesquisador e professor do curso de Letras-Polonês da Universidade Federal do Paraná (UFPR), radicado no Brasil, e Konrad Szcześniak, professor da Universidade da Silésia, na Polônia.

Hippies, punks e Virginia Woolf

OMAR GODOY

ntonio Bivar entrou no mapa da cultura brasileira no fim dos anos 1960. Paulista de Ribeirão Preto, formou-se pelo Conservatório Nacional de Teatro (RJ) e logo começou a escrever as próprias peças. Marcadas por uma linguagem inovadora, bem-humorada e pop, montagens como *Alzira Power*, *Cordélia Brasil* e *Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã* influenciaram toda uma geração e hoje são consideradas fundamentais para o entendimento do teatro moderno do país. Bivar, no entanto, não se prendeu à dramaturgia e ao Brasil. Perseguido pela censura e envolvido com o movimento *hippie*, uniu o útil ao agradável e partiu para Londres, onde conheceu de perto a efervescência contracultural da virada das décadas de 1960 e 1970. De volta ao Brasil — mas sem nunca deixar de perambular pelo mundo —, escreveu para jornais e revistas, dirigiu *shows* (Maria Bethânia, Rita Lee), organizou o pioneiro festival *punk* Começo do Fim do Mundo (1982), estudou a obra de Virginia Woolf e escreveu mais de dez livros, entre outros projetos e aventuras.

Sua obra literária conta com mais de dez títulos, de diversos gêneros. Do conto (*Contos atrevidos*) ao romance (*Chic-A-Boom*), do ensaio (*O que é punk?*) à biografia (*Yolanda*, sobre a socialite Yolanda Penteado). Mas é por seus livros de memórias que ele gostaria de ser lembrado. Ou "autobiografias", como prefere chamar. Já publicou quatro até o momento: *Verdes vales do fim do mundo, Longe daqui, aqui mesmo, Bivar na corte de Bloomsbury* e *Mundo adentro vida afora* (a mais recente, lançada no final de 2014). Na conversa com o **Cândido**, Antonio Bivar falou sobre sua trajetória profissional, escolhas pessoais, interesses e fixações. Com destaque para seu envolvimento com o chamado "Grupo de Bloomsbury", movimento de jovens artistas e intelectuais ingleses (como a escritora Virginia Woolf e o economista John Maynard Keynes) que influenciou o resto do mundo no início do século XX. Autodidata e diletante, Bivar é o único brasileiro membro da Virginia Woolf Society of Great Britain e também o único latino-americano que participa de um encontro anual com os maiores conhecedores do legado de Bloomsbury — e, ainda, a única pessoa de 76 anos admirada pelo movimento *punk* brasileiro.

Autobiografia em série

Em 1973, comecei um diário, em que também guardo todos os recortes de matérias que saem sobre o meu trabalho na imprensa. Não por vaidade, mas como documento mesmo. Meu pai também guardava esse tipo de coisa, então tenho álbuns e mais álbuns em casa. Uso tudo isso quando estou escrevendo minha "autobiografia em série", vamos dizer assim. (...) Escrevo e publico os livros em partes separadas, mas tudo organizado cronologicamente. Por exemplo: No Mundo adentro vida afora, que saiu há pouco tempo, conto o começo da minha vida. Já o primeiro da série, Verdes vales do fim do mundo (1985), é sobre a temporada que passei nos Estados Unidos e na Europa em 1971. E assim vou emendando tudo. Como as histórias contadas no Bivar na corte de Bloomsbury (2005) terminam em 2004, só posso escrever uma coisa curtinha agora, sobre os últimos dez anos.

O encontro com Virginia

Já tinha ouvido falar da Virginia Woolf, mas só fui ler um livro dela pela primeira vez em 1973. Foi totalmente por acaso. Descobri *As ondas* num apartamento em que eu estava passando um tempo e logo me identifiquei. Sinto que o estilo dela tem muito a ver com o meu, o mesmo jeito. E se

ENTREVISTA| ANTONIO BIVAR

você ler as obras da Virginia, vai ver que tem muitos "pinotes". Ou seja, ela está contando uma coisa e de repente larga aquilo, passa para uma outra. É uma delícia, porque você leva um susto, acorda e continua lendo. Eu sou assim também quando conto uma história. É uma mudança brusca. E fica muito engraçado, porque depois ela retoma. Na verdade, a Virginia tem muito humor. As pessoas fazem drama, porque ela se matou e tudo mais, mas ela tem muito humor.

Escola de verão

Um dia, em 1993, estou numa livraria em Londres, abro um livro e cai um folheto anunciando uma "escola de verão" na Fazenda Charleston, onde vários membros do Grupo de Bloomsbury moraram ou passaram temporadas. Era uma turma para no máximo 21 pessoas, acadêmicos europeus e americanos. Fui no consulado no Brasil, pedi ajuda e consegui entrar nessa escola de verão. E foi uma delícia, porque fui considerado a pessoa que levou emoção à turma. E ainda fiquei amigo do sobrinho e biógrafo da Virginia, o Quentin Bell, para quem ela dedicou Orlando. A gente se correspondeu por anos, até bronca por carta ele me dava. O Quentin morreu em 1996, e ainda me dou muito bem com a viúva dele.

"Opressão amazônica"

O primeiro livro da Virginia, A viagem, publicado em 1915, se passa no Brasil sem citar o Brasil. Quando li o livro, senti que tinha uma coisa amazônica ali. Depois, lendo o estudo de uma acadêmica, não tive dúvidas de que se passa no Brasil. Embora o sobrinho da Virginia diga que a visão dela sobre a América do Sul era grotesca. Ela achava que tinha puma nas ruas de Buenos Aires, que as borboletas eram do tamanho de urubus. Mas o livro mostra uns personagens ingleses que vêm num cargueiro para a América do Sul. Ele querem ir para Buenos Aires, mas desviam e vão parar na boca do Amazonas. Olhando aqui, estudando o mapa, achei que se passa um pouco no Maranhão. A Virginia nunca pisou nesse lado de cá do mundo, nem nos Estados Unidos ela foi. Mas você sente a opressão amazônica, aquela grandiosidade. Os rios, a floresta, aquela opressão que maltrata os personagens.

Os renovadores

Comparo o Grupo de Bloomsbury com os nossos modernistas, que vieram um pouco depois. Eles criaram o modernismo na Inglaterra, levaram a novidade para lá. Porque quem estava por cima na época eram os franceses e os alemães. Mas a importância do grupo em si foi maior que as obras de cada um dos participantes — tirando a Virginia Woolf, claro, uma das maiores escritoras do século XX. O mais importante era o estilo de vida. Eles sabiam viver com pouco, viajavam sem muito dinheiro. Mas tinham um estilo de vida tão libertário, tão renovador para a época, que eram muito falados. E ainda são. Estão em peças de teatro, viram personagens de ficção. Já fizeram tantos filmes sobre eles da década de 1990 para cá. Agora mesmo a BBC está exibindo uma série sobre o grupo.

Punk

Muitas pessoas ficaram para trás. Não saíram daquela coisa dos beats, dos hippies, de adorar os Beatles. Eu, não. Em 1982, quando voltei de uma temporada na Inglaterra, senti que ainda havia aquele clima "bicho grilo", antigo, passadista. Mas, de repente, vi o movimento punk acontecendo no centro de São Paulo. E realmente era um movimento, porque tinha muita gente.



Bivar e a dramaturga Leilah Assumpção em Londres, nos anos 1970.

Me identifiquei na hora, porque também tive uma adolescência dura, de trabalho braçal. Uma adolescência muito mais parecida com a dos punks do que com a da classe média hippie, que morava bem, vinha de boas famílias. (...) Sou amigo dos punks até hoje. Há alguns anos, fui atropelado por um ônibus em São Paulo, quebrei costela, etc. Acredita que um dos bombeiros do resgate era um punk que me reconheceu? Ele me ajudou, avisou o pessoal do movimento e várias pessoas vieram me procurar, para saber como eu estava.

História encenada

Passei quase dez anos, de 1983 até 1991, escrevendo uma peça sobre a História do Brasil. Porque todo mundo estava alienado naquela época, eu mesmo estava. Era influenciado pelo rock,

pelo punk, pela Virginia Woolf, mas não conhecida nada do Brasil. Até que o Celso Paulini, um professor que gostava do meu teatro, me convidou para escrever a quatro mãos. Acabei deixando tudo de lado para trabalhar com ele, mas foi um grande prazer. O Celso era dez anos mais velho que eu, e a casa dele era a coisa mais espartana possível. Não tinha nem vitrola, televisão. Só bolacha e cafezinho, e a gente mergulhando e fazendo acontecer. Ele morreu em 1991, teve um ataque do coração, paramos na quarta peça. Mas ficaram três, reunidas no livro Histórias do Brasil para teatro. Ganhamos prêmio, o grupo Tapa fez uma montagem maravilhosa e as peças continua sendo montadas nas escolas. Não que eu ganhe algum dinheiro com isso, mas continuam fazendo as peças por aí.

Voto de pobreza

Eu não ganho dinheiro com livro, com peça, com nada. Ganho, hoje em dia, só com os textos que escrevo para a revista Joyce Pascowitch. A Joyce diz que aprendeu tudo comigo nos anos 1980, quando editei a revista do Gallery [boate e casa de shows que marcou época em São Paulo]. Ela me dá um espaço para escrever e eu sobrevivo disso. Sou meio acomodado. Se estou trabalhando em algum projeto que me permita sobreviver, mesmo que pobremente, eu não vou atrás de outra coisa, não vou à luta. A não ser quando é um livro que eu esteja escrevendo, aí é uma briga para conseguir editor, sempre uma dificuldade. (...) Eu adoro ser um Francisco de Assis. Fiz voto de pobreza na época do LSD, do movimento hippie. Até já quis voltar atrás, porque fiquei pobre demais. Mas não dá. Se você fez o voto, tem que ir até o final.

Prêmio paranaense

Já ganhei um prêmio aí no Paraná, em 1980. Um prêmio de humor. Organizaram uma feira de humor, com curadoria do [jornalista, artista gráfico e poeta] Reynaldo Jardim, em que valia tudo: tiras, textos, cenas. Um amigo meu ficou sabendo e sugeriu que eu enviasse uma peça que escrevi para o Walmor Chagas, mas que ele ainda não tinha montado. Você precisava se inscrever com um pseudônimo, ninguém sabia que eu estava participando. Acabei ganhando em primeiro lugar, e com o dinheiro pude passar um tempo estudando na Inglaterra. Meio estudando, meio vagabundeando. Porque eu gosto dessa coisa livre, de estudar a vida na rua, na calçada, nos lugares. Às vezes até passo algumas horas numa biblioteca se estou muito interessado por um assunto. Mas sou mais um autodidata. Sou atraído pelas coisas que acho interessantes e vou fundo.

A companheira

Não tive filhos. Mas tive uma companheira, que conheci lá na Fazenda Charleston, em 1993. Fomos casados até ela morrer, em 2008. A Jenny foi editora de uma grande companhia inglesa, era uma pessoa muito ligada às artes em geral. Quando nos conhecemos, ela estava saindo de um casamento com um rico financista. Eu falei: "Você vai entrar numa fria, porque eu sou um pé de chinelo". Ela nem ligou. No leito de morte, ainda disse para os filhos e irmãos que eu fui a pessoa de quem ela mais gostou na vida. A gente se dava muito bem. Foi uma ótima companheira de viagem, topava tudo, não tinha frescura. E adorava o Brasil, tanto que a família trouxe as cinzas dela para espalhar aqui, em uma praia.

Mudança na paisagem

Atualmente, não vejo nada que me interesse a ponto de me fazer mergulhar, como foi com os beats, com os hippies, com o punk, com a Virginia Woolf. Por outro lado, sinto que há uma expectativa geral muito esquisita com relação à política, à crise. Não só no Brasil, é uma coisa mundial. Essa imigração de africanos para a Europa, por exemplo. Isso vai mudar muito a paisagem daqui para frente. E está acontecendo no Brasil também. Tenho visto, no centro de São Paulo, barracas de africanos vendendo tecidos da África como se eles fossem os camelôs de antes. (...) O Brasil dá a impressão de ser o país do horror, e eu tenho a impressão de que ele vai até o fundo do poço mesmo. Mas lá, do fundo do poço, sempre surge uma levantada reestimulante.

Dramaturgo ou escritor?

O teatro foi um começo para mim, uma passagem. Vi Esperando Godot, do Beckett, e percebi que não era tão



difícil escrever uma peça. Mas até hoje me apresentam como dramaturgo. Eu até posso voltar a escrever peças, mas não sou um homem do teatro, como o Zé Celso [Martinez Corrêa] ou várias outras pessoas que vivem disso. Tenho uma imensidão de outros caminhos que eu gosto muito mais. Gosto mais de literatura, de livro, do que de teatro ou de qualquer outra coisa. É uma coisa errada, uma coisa brasileira, de classificarem você e insistirem nisso. Outro dia, pesquisando sobre a Aracy de Almeida no You-Tube, vi ela falando: "Cansei de cantar, só cantei uma época para ganhar dinheiro". Eu fazia teatro um pouco

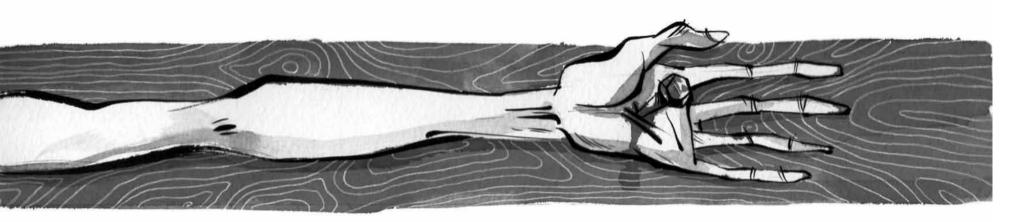
para sobreviver mesmo, para pagar o aluguel e comer durante o mês. Não foi o meu maior amor.

Legado

Gostaria de ser lembrado pelos meus livros, por essa série de autobiografias. Porque eu não falo só de mim. Falo das pessoas, do convívio com elas, dos lugares, dos costumes. Apesar de ser uma coisa autobiográfica, tem um pouco de romance também. Meu prazer é falar sobre esses encontros e colocar um pouco de humor, mostrar o lado engraçado da vida. O humor, o absurdo, as situações... Eu gosto disso, e gostaria de ser lembrado por isso. ■

ROMANCE | RAIMUNDO CARRERO

CONDENADO



onheci-o ainda criança, pela voz da minha mãe. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Reze, meu filho, ela dizia, fiapos de lã nos meus ouvidos. Reze. E pegava na minha mão para levá-la à testa, aos lábios, e ao peito, três vezes. Revelou que Ele nasceu em Belém, numa manjedoura de pedra, áspera e humilde sem encantos, despojada de luxo, sem higiene, onde os bois comiam capim. A Mãe chegara ali, insone, depois de atravessar o deserto com os pés descalços e sangrentos, cortados nas pedras e na terra, ao lado do marido José e sob a proteção do Divino Espírito Santo. Depois teve de fugir outra vez, escapando de Herodes. Perseguido sempre; sempre perseguido, os meninos ultrajados, assassinados, mortos.

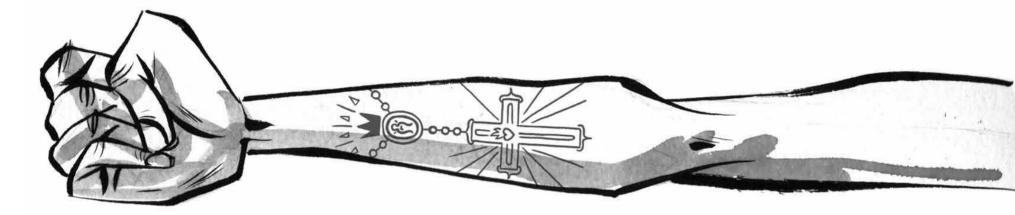
Minha mãe acordava cedo, bem cedo, a manhã indecisa a vencer as sombras. Avizinhava-se da minha rede, saindo da cama que dividia com meu pai. Eu não a via, sentia o vulto se movendo, próxima, bem próxima, e me arrepiava de contentamento, às vezes chorando, vinha, só para convocar carinho, chegava. Levantava-me nos braços, sutil criança, sentava-se também na rede, quem sabe sentia o cheiro do mijo noturno, os lençóis brancos, a fralda, ainda molhada. Úmido, recanto úmido e cheiroso.

Na maioria das vezes trazia leite, mas houve uma manhã em que senti o gosto de um comprimido amarelo, e da água morna, salobra. Estivera com febre a noite inteira. Tossia, tossia. Envolveu meus cabelos com as mãos. E rezava, rezava, pedia reza , meu filho, reze. Rezar

significava Ele vai curá-lo. Ele, eu sabia quem era, Ele era o menino que repousava e que dormia — será que dormia mesmo? — na placidez do Santuário, onde ardia uma vela permanentemente. Nas sombras da noite, nas franjas do dia.

Sempre tive uma vontade imensa de que o menino brincasse comigo. Mas, mesmo criança, eu sabia que não era impossível porque Ele era menino e adulto ao mesmo tempo. Sem querer, a andar no átrio da igreja de Salgueiro, quase capela, humilde e despojada de luxo. Entre as sombras, encontrei-O adulto num canto quieto da igreja, dilacerado e nu, apenas um pano alvo cobrindo o ventre e as coxas, revelado por duas velas grandes em candelabros solitários na luz aflita, os ombros rasgados, os cotovelos arrebentados. O peito

UMA BIOGRAFIA DE JESUS CRISTO



sangrando. O sangue escorrendo nas feridas abertas do peito, dos braços, das mãos. Foi Crucificado, minha mãe dizia. E disse assim depois que me encontraram, chorando, entrei na igreja enquanto ela ornamentava o templo com duas senhoras, minha madrinha, uma delas. Gritei porque vi aquele Homem morto deitado na cama na parte mais escura. O menino fora perseguido durante todo o tempo, jogado nas margens da vida e quando se tornou homem foi assassinado. Isso mesmo.

Meu pai não falava muito, silencioso com aquela cara de caboclo, os cabelos escorridos, braços fortes, confirmou esmagando as palavras nos lábios murchos. Não me lembro do meu pai rezar. Acompanhava a Missa, de pé, na lateral da igreja, tossia e mastigava palavras que nunca me pareceram rezas, mas apenas conversa de homem para homem, dele a ele, para fazer a feira. Todo domingo era dia de feira. Sabe o que era fazer a feira? Era abrir a loja na rua do comércio e vender tecido e chapéu.

Só viaje depois da Missa, está bem assim? Antes do rumo converse com Deus, concorda? Minha mãe que disse, naquele tom autoritário de mulher humilde. Mulher — mulher que aceita comando, não vislumbra desafio. Está bem. Meu pai não gostava de desafios. Os dois riam, os lábios repuxados, cúmplices. Os dois se olhavam e silenciavam. Foi assim que eu vi meu pai viajar todos os domingos sem conhecer meu pecado. Também nunca me interessei saber até que ele, por muitos caminhos, conhecesse a verdade.

Leo Gibran Ilustração

Raimundo Carrero nasceu em Salgueiro (PE), em 1947. É autor, entre outros, dos livros Maçã agreste (1989) e Somos pedras que se consomem (1995). Em 2010, seu romance A minha alma é irmã de Deus recebeu o Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional, e o Prêmio São Paulo de Literatura (Livro do Ano). O trecho que o **Cândido** publica nesta edição faz parte do romance ainda inédito Condenado – Uma biografia de Jesus Cristo. Carrero vive em Recife (PE)

Os loucos anos 1970 em Londrina

Território fértil para manifestações artísticas, a cidade do Norte do Paraná revelou nomes que marcaram a cultura local e nacional. **Nilson Monteiro**, um dos escritores da geração pé-vermelho, escreve sobre como a cidade se tornou vanguarda paranaense no jornalismo, literatura, teatro, artes plásticas e música

a cidade jovem, buliçosa, desafiadora, prenhe e multiplicadora de ideias e dúvidas do final dos anos 1960, nos juntamos, quase meninos, também espevitados, alguns já escolados em literatura de grosso calibre, outros curiosos, todos contrários à noite política que teimava em se consolidar, para ver onde o buraco ia dar não só lá, mas em todo o país.

Londrina era libertária, diziam e faziam. Seu território estendia-se onde a crosta terrestre, há milhões de anos, meio às suas rachaduras, despejou uma massa quente, feito creme, que, esfriando, virou um imenso lençol de rocha roxa estendido. Cultivada em tira de terra vulcânica, uma das mais férteis do planeta, tinha mania de produzir não só café, mas pessoas propensas a criar. E a brigar.

E não era de então: havia um passado próximo, sindical, de conflitos, de mudanças, de manifestações diversificadas, que fomentara expressões artísticas diversas e alguma literatura antes de nos topar nos anos 1960, reunidos na sede da União Londrinense dos Estudantes Secundários (ULES) para participar de grupos de teatro e imprensa.

Na mesma faixa de idade e criação estavam Roldão Arruda, Marcelo Oikawa, Paulo Nassar, Carlos Verçosa, entre outros, além de um barbudinho meio metido a guru, dois anos mais velho do que nós, Domingos Pellegrini. A panelinha era política, mas disfarçada de arte, todo tipo de arte, inclusive a de moleques que enchiam a cara e falavam poemas para as águas do Igapó ou planejavam afanar alimentos estocados nos domínios dos mórmons para fazer a revolução. Não conseguimos nem os alimentos e muito menos a revolução.

Arquivo do autor / Nilson Monteiro

Na ULES, os meninos e meninas criaram grupos de teatro e jograis, de estudos e prática de literatura, organizaram palestras e debates sobre os temas latentes da época e um curso de jornalismo que revelou os primeiros profissionais de uma geração que viria se destacar.

A cidade cresceu e apareceu.

Virou um dínamo da economia regional, usina de lideranças políticas e ninho de manifestações artísticas. Na universidade, desde o início dos anos 1970, muitos já engatinhando no jornalismo, nos mantivemos juntos, catando e discutindo letrinhas literárias.

Não éramos uma ilha em meio à agitação da cidade. Éramos parte, grudados ao seu corpo. Paulo Leminski, radicado no Pilarzinho, em Curitiba, e emitindo sinais de farol literário para o mundo, destacava, em artigos para o curitibano Correio de Notícias, em 1985, a ausência de provincianismo em Londrina. "Me custa a admitir, mas Londrina está à nossa frente em termos culturais."

A cidade, ele provocava, era a vanguarda paranaense no jornalismo, literatura, teatro, artes plásticas, música, borbulhava de criatividade. E dava nomes e sobrenomes.

Nomes, se quiserem algum elenco, pipocavam em todas as áreas, quase sempre caminhando e cantando juntos, em casamento e ruptura artística de fazer gosto.

O capital político institucional era forte e se revelaria nos anos 1980, com Hosken de Novaes, José Richa, Alvaro Dias, Leite Chaves, Hélio Duque, entre tantos outros. O capital político clandestino, idem. No teatro, Nitis Jacon de Araujo Moreira, Mário Bortolotto,



Domingos Pellegrini e Nilson Monteiro, na redação do jornal Folha de Londrina, nos anos 1970.

Denise Assunção, Apolo Teodoro... Nas artes plásticas, Letícia Faria, Kambé, José Antônio, Lúcio Jeolás... No cinema, Paulinho Barnabé, Carlos Eduardo Lourenço Jorge... Na música, Marinósio Filho, Arrigo Barnabé, Itamar Assunção, Robinson Borba, Neuza Pinheiro, Marcus Ribeva, Patife's Band... No jornalismo, uma penca que ia de Délio César, Walmor Macarini, Edilson Leal, Pedro Scucuglia, Joana Lopes, Jota Oliveira e Leonardo Santos, uma porção considerável de nossos escribas, que escreviam o trivial, mas abominavam o corriqueiro. Na fotografia, Martinon, Chico Rezende, Kaximbo e Xuxulin, entre

outros, faziam arte atrás das lentes. Na TV, rádio e publicidade se dava o mesmo fenômeno.

Fora esses nomes, havia pessoas de grande competência na área acadêmica, especialmente na Medicina, Direito, Filosofia etc. Essas figuras, algumas carimbadas e outras clandestinas, comiam na mesma panela. E especialmente bebiam no mesmo copo, em maior ou menor intensidade. A literatura, óbvio, era parte do ingrediente. E assunto nas mesas.

A teoria indicava a colonização inglesa no Norte do Paraná, às avessas da sesmaria portuguesa e com maior

partilha de terra e de informações, e a cidade, ainda adolescente, com pouco mais de 30 anos, como culpada por esse borbulhar, ao contrário de outras regiões do Estado, mais consolidadas e acomodadas em seus fazeres e afazeres, inclusive artísticos.

Havia também o cordão umbilical londrinense com São Paulo, de cujas regiões vieram muitos colonizadores do Norte do Paraná. Além dele, o DNA de 32 etnias presentes nas células que criaram Londrina. Tudo isso se revelava no caldo cultural da cidade de sempre e especialmente dos loucos anos 1970.

MEMÓRIA LITERÁRIA

Na literatura londrinense, que já tinha nomes e práticas antecedentes, como os de Mário Romagnolli, José Joffily e Cássio Leite Machado, um detalhe não pode passar despercebido: os concursos e festivais, estimulados a partir dos anos 1970.

Tanto os organizados pela ULES, por colégios e pela universidade, quanto aquele que, para nós, nos juntou ainda mais. Aliás, mais precisamente espremidos dentro de um fusca que fazia, ao som de músicas de protesto e goles de conhaque, os 160 quilômetros de Londrina a Paranavaí.

O Festival de Música e Poesia de Paranavaí (Femup) foi marcante para aquele bando. Em 1971, os três primeiros colocados em poesia estavam dentro do fusca londrinense: Domingos Pellegrini, eu e Marcelo Oikawa. Entre os declamadores, Roldão Arruda ganhou prêmios seguidos. Não sei quanto ganhamos em dinheiro (havia prêmio em espécie), mas sei que guardo aquele primeiro troféu do Femup até hoje.

Participamos de mais algumas edições do festival e em 1977 conheci um cara, Dorival Torrente, que, ao declamar, de forma espetacular, um poema de minha autoria, "Forinha", fez crescer minha admiração por aquele festival e pelo fazer literário. A amizade e o festival, assim como a admiração pelo tear literário, duram até hoje.

Em Londrina, vários festivais tinham vida. Na área literária ou fora dela. Inclusive, no mais conhecido deles, Festival Internacional de Teatro, criado no final dos anos 1960 pelo jornalista Délio César. E não raro muitos de nós estávamos metidos nele (s).

Além ou aquém dos festivais, a geração mimeógrafo se revelava intensa

e eficientemente em nosso bando, com a circulação de poemas, contos e crônicas em dezenas de publicações artesanais distribuídas nas escolas, na universidade, em eventos.

O jornalismo virou profissão, prática e maior conhecimento de literatura para vários: Pellegrini, Roldão, Marcelo, Carlos Verçosa e eu, no mínimo.

Desde 1972, Pellegrini editou a página *Rascunho*, publicada pela *Folha de Londrina*, em cujo espaço gravitávamos, com a produção de poemas, contos, ensaios, críticas, etc. Depois, a página passou por minhas mãos e, ao virar *Leitura*, pelas de Nelson Capucho e Ademir Assunção.

Em 1975, quando fomos para o jornal *Panorama*, mais uma louca e deliciosa aventura de Londrina, conheci na redação, nos botecos e madrugadas abafadas um maldito da noite e das letras, ele próprio uma aventura generosa e criativa: João Antônio. Vários de nós tiveram o privilégio de partilhar do seu deboche pessoal, de seu jornalismo criativo e de sua literatura já famosa país afora.

No mesmo jornal, além de trabalhar na reportagem, editei a página Baú, dedicada à literatura. Virei carne e unha com outro ótimo artista gráfico, Jotinha, mais um pé-vermelho que brilhara em São Paulo e desembarcara no ambiente do *Panorama*. Veio do Rio de Janeiro mais ou menos no mesmo tempo outro artista gráfico de traços novos e instigantes, Nelson Bravus.

No jornalismo universitário, espelho de nossa intensa atuação nos diretórios estudantis, a literatura também tinha presença notória. Foi assim nos jornais *Ensaio, Terra Roxa* e no mais conhecido deles, *Poeira*.

A cidade de nuvens vermelhas, como cantou Arrigo Barnabé, tinha nuvens de todas as cores. Essa diversidade tonificava os setores de criação de forma intensa. E garantia o sustento de donos de bares em todos os quadrantes da cidade. Essa diversidade transitava

Arquivo do autor / Nilson Monteiro



Paulo Leminski, em uma palestra em Londrina, cidade que, em sua opinião, "não tinha provincianismo"



Nilson Monteiro nasceu em Presidente Bernardes (SP), em 1951. Entre 1964 e 1986 morou em Londrina (PR). É autor entre outros livros, de Simples (poesia), Curitiba vista por um pé-vermelho e Pequena casa de jornal (crônicas), Itaipu, a luz e Ferroeste, um novo rumo para o Paraná (reportagem) e Madeira de lei (biografia). Em 2013 lançou seu primeiro romance, Mugido de trem. Vive em Curitiba (PR).

Jornalistas do Novo Jornal, em 1972. Da esquerda para a direita: Marcelo Oikawa, Nilson Monteiro, Carlos Verçosa e Roldão Arruda.

no jornalismo — tanto profissional quanto estudantil — e na literatura.

Era preciso não dispersar, fora ou dentro dos jornais. Três de nós — Pellegrini, eu e Nassar — fizemos parte, junto aos curitibanos Reinoldo Atem, Raimundo Caruso e Hamilton Faria e mais Arnaldo Xavier, Aristides Klafke e Ronivalter Jatobá, entre os paulistanos, da criação da Editora Cooperativa dos Escritores. Participamos também da Cooperativa de Jornalistas em Londrina, onde o mercado profissional começava a se afunilar no final dos anos 1970.

Enquanto isso, produto de todo esse caldeirão coletivo e de experiências pessoais, manifestações artísticas

multiplicavam-se, de "Rabo de Peixe", "Tubarões Voadores" e "Na Boca do Bode", entre experiências cênicas-musicais, à literatura que continuava fervendo em nossas veias.

Enquanto Domingos Pellegrini se tornava um nome nacional, com publicações como o antológico romance Terra vermelha e o ótimo conto O encalhe dos 300, criávamos movimentos reveladores, como o "Mural de Poesias" e "Panelinha de Poetas". As ligações com escritores das fronteiras regionais próximas foram se avolumando e estreitando. Entre os que habitam a memória: Miguel Sanches Neto, em Peabiru, Marco Cremasco, em Guaraci, Sérgio Rubens

Sosséla, em Paranavaí, Lourivaldo Baçan, em Uraí, Jair Ferreira dos Santos, em Cornélio Procópio, entre outros, assim como em paragens mais distantes. Nomes foram brotando nas ruas e botecos londrinenses, com a receptividade que mereciam, como Ademir Assunção, Nelson Capucho, Maria Leopoldina Rezende, Bernardo Pellegrini, Karen Debértolis e Lourival Pontidura, entre outros.

O moinho do tempo literário, longe de parar, continuou a gerar gente de ótima linhagem na cidade: Rodrigo Garcia Lopes, Paulo Briguet, José Antonio Pedriali, Maurício Arruda Mendonça, Marco Antônio Fabiani, Célia Musilli, Marcos Losnak, Joel

Gehlen, Benvinda Palma, a cada dia uma surpresa ou consolidação de um criador literário de alguma ou de extrema qualidade. Alguns já são cantados em prosa e verso pela crítica literária.

Os meninos nascidos e criados naquela belle e rebelde época publicaram e continuam publicando aqui e ali, romances, crônicas, poesias, etc.: Pellegrini escreveu dezenas de livros; Roldão Arruda, Dias de ira; Carlos Verçosa, Oku; eu, Mugido de trem, e Marcelo Oikawa, A guerrilha de Porecatu.

Os que vieram logo ou bem depois escrevem e vão escrever sua belle e maravilhosa história com as letras lúdicas da literatura de todas as cores. É ler e conferir. ■

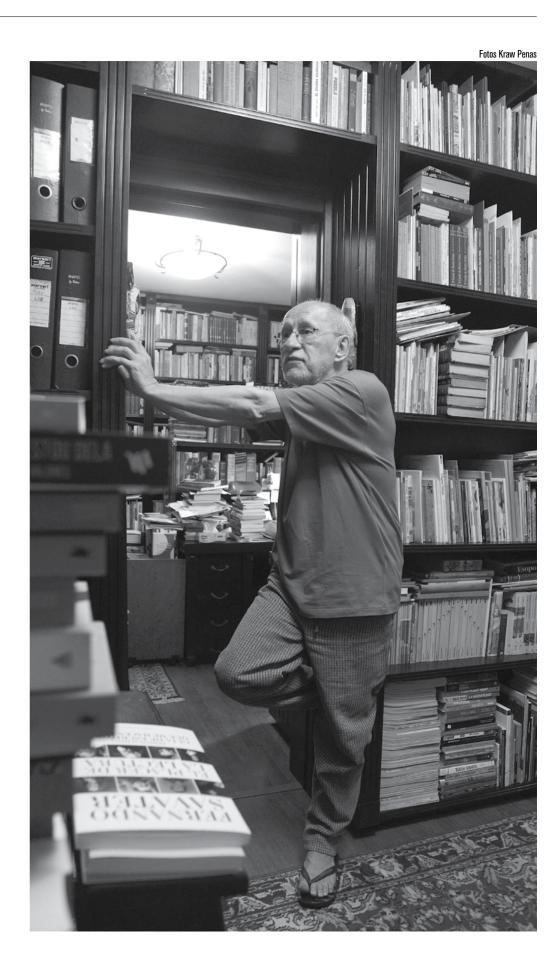
14 CÂNDIDO | JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANA

NA BIBLIOTECA DE PAULO VENTURELLI

O bunker de Venturelli

O escritor e professor aposentado adquiriu um segundo imóvel, onde escreve e relê os 15 mil livros que reuniu durante a vida

KAYPE ABREU E LUCAS DE LAVOR



aulo Venturelli, 64 anos, vive em um apartamento de 100 metros quadrados, no bairro Bacacheri, em Curitiba, e tem outro imóvel, no mesmo prédio, com a mesma metragem, destinado à sua coleção de 15 mil livros. As obras distribuídas em estantes e em praticamente todas as paredes sugerem que o local é uma espécie de bunker, onde ele passa a maior parte do tempo desde que se aposentou, em setembro de ano passado, da função de professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Só não dorme e não faz

refeições no espaço em que escreve durante as manhãs e, da tarde até a noite, se dedica à leitura.

Ainda na infância, escutou uma frase que iria transformá-lo em leitor. Um professor comentou que para ser inteligente uma pessoa deve ler um livro por semana e em seguida reler a obra para compreender as nuances do texto. "A partir daquele dia, mergulhei de corpo e alma na literatura", diz.

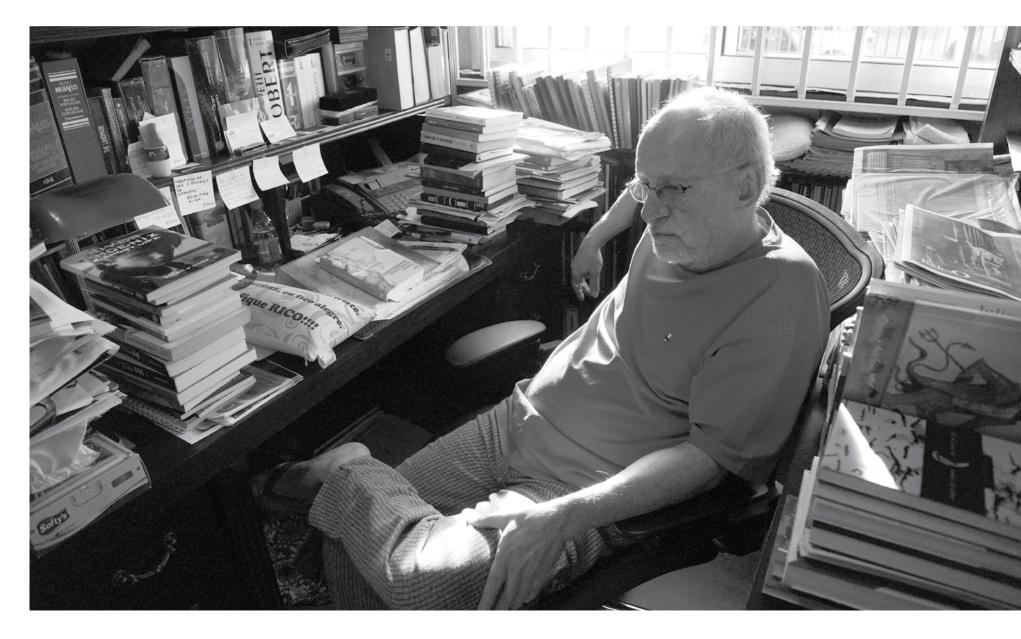
O catarinense nascido em Brusque e radicado em Curitiba desde 1974 enfatiza que, mais do que ler, ele relê.

Venturelli nem lembra mais quantas vezes releu Boitempo, de Carlos Drummond de Andrade, o primeiro livro que comprou. Diz ter relido 11 vezes Dom Casmurro, de Machado de Assis, e leu Os irmãos Karamázov, de Fiódor Dostoiévski, em quatro momentos diferentes da vida.

A biblioteca é resultado da curiosidade intelectual de Venturelli e também de uma idiossincrasia: ele tem o hábito de fazer anotações nas páginas dos livros. Com o passar do tempo, o leitor se tornou escritor. Já publicou

mais de 20 obras, com destaque para Visita à baleia — vencedor do Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) 2012 e segundo colocado na categoria infantil do Prêmio Jabuti 2013.

Em meio ao acervo, há espaço para os cadernos onde escreve, à mão, os esboços de seus próprios livros. A biblioteca de Venturelli também abriga souvenires do Clube Atlético Paranaense (CAP), outra paixão de sua vida, capaz de tirá-lo do bunker e do contato com o universo das letras.



NA BIBLIOTECA DE PAULO VENTURELLI

Boitempo (1968), de Carlos Drummond de Andrade

"O primeiro livro que eu comprei, em 1969. Tinha saído do colégio, morava em Joinville e trabalhava como desenhista. O preço do livro equivalia ao valor que eu gastava no almoço. Deixei de almoçar para comprar o livro, que fala daquele mundo da fazenda que foi a infância do Drummond."



As aventuras de Sherlock Holmes (1892), de Arthur Conan Doyle

"Na infância eu não lia porque não tinha livro em casa. Posteriormente, passei a conhecer alguns autores. O primeiro que impressionou foi o Conan Doyle, criador do Sherlock Holmes. Depois, conheci Karl May. Recentemente descobri que era o autor preferido do Hitler. Não é uma boa referência."

Verdades e mentiras na literatura — Os dez mandamentos do escritor (2011), de Stephen Vizinczey

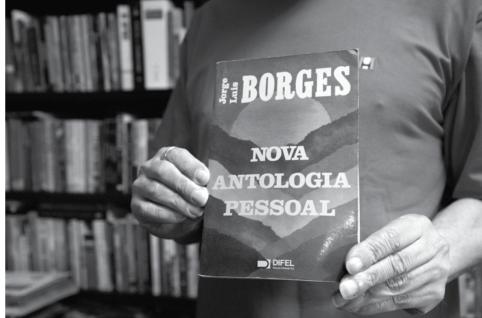
"São estudos sobre literatura. Stephen Vizinczey é húngaro e viveu toda a ditadura comunista. É bem conservador nas posições políticas. Mas, nessa obra, ele faz uma série de estudos sobre vários autores. Trata, por exemplo, da forma de definir e se relacionar com a literatura, da relação da razão, da emoção e da realidade com a literatura."

Coleção Romances Policiais, edição Paulinas dos anos 1960

"Esse livro me fez a cabeça naguela época. Hoje em dia, não gosto ler romance policial. Parece uma represa que eles vão montando e montando: descobre-se o assassino, rompe a represa e não tem mais nada. Mas naquela época me deixava tenso. Eu ficava grudado no enredo."

Nova antologia pessoal (1968), de Jorge Luis Borges

"Borges é um escritor que eu me recusava a ler quando era jovem porque ele foi condecorado pelo Pinochet, ditador do Chile. Eu falava: 'Ah, esse cara é fascista, não vou ler'. Até que um dia li uma antologia pessoal. Figuei fascinado. Falei: 'Dane-se se é de direita'".



Como o futebol explica o mundo (2005), de Franklin Foer

"Quando criança, detestava tudo que tinha a ver com esporte porque eu não praticava nada. Mas, na adolescência, tive um amigo fanático pelo Corinthians. Ele me converteu. Como o futebol explica o mundo estuda a globalização por meio do futebol."

Memórias póstumas de Brás Cubas (1881), de Machado de Assis

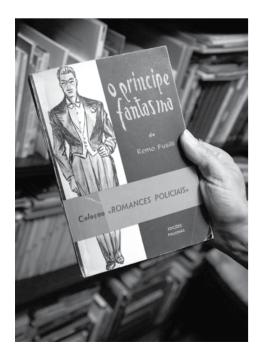
"O grande livro. O grande momento da minha vida foi no científico, atual ensino médio, quando li, pela primeira vez, Memórias póstumas de Brás Cubas. Minha cabeça implodiu. Não acreditava que aquele livro havia sido escrito em 1881. Me apaixonei por Machado. Pensei: nossa, se o Machado fez isso no século XIX, o que eu posso fazer no século XX?"

O homem que amava cachorros (2013), de Leonardo Padura

"Padura vai contar o assassinato de Trotsky e toda a podridão do Stalin. É um romance extremamente político e literário. Um livro profundo nas reflexões que apresenta. Me desiludiu ainda mais sobre política. Você pensa uma coisa e os fatos mostram que [a coisa] é outra."

Yerma (1934), de Garcia Lorca

"Adaptei várias histórias para o teatro. A que eu mais gostei foi *Yerma*, de Garcia Lorca. É uma história muito bonita, de uma mulher que não pode ter filho. Transformei o palco todo num útero. Naquela época, achei que era uma boa metáfora sobre a situação estéril do Brasil, com censura e outros problemas, em 1987."

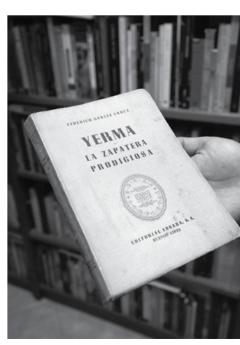












ROMANCE | JOÃO URBAN

BENEDITO DOMINGO



"O Felix que trazia fumo, trazia a palha também, claro, porque o milho que a gente quebrava… não dava palha…"

— Essa serrinha é perigosa, ainda bem que não tem neblina, a cabeça da Anta fica logo ali — Benedito se referia à uma bica onde a água jorra pela boca de uma cabeça de anta de metal.

-- Fizeram uma lanchonete muito boa, antes era só uma vendinha, mas aqui não é parada...! Minha vida tem muita coisa que não dá para contar, se eu te falasse você não ia acreditar...já fiz de tudo na minha vida. Trabalhei pesado na lavoura, desde menino..."

E prosseguiu: "Quando eu tinha treze anos, meu pai foi embora. Sumiu. Abriu um buraco no mundo e sumiu dentro dele. De repente eu era o chefe da família, com treze anos tive que largar a escola e trabalhar na lavoura direto. Eu era um guri bem forte, trabalhava como um adulto, tudo que eu ganhava entregava para minha mãe. Meu pai sumiu e eu nunca fiquei sabendo por quê, até hoje não sei. Quando eu era mais novo, apenas um moleque, levava o almoço pra ele na roça. Depois ele vendeu o sítio e comprou uma casa bem pequena, mas boa, de peroba, começou a trabalhar numa loja de ferragens, era amigo do Geraldo, o dono da loja".

— Olha aí, a bica... daqui umas horas a venda abre. Abre às seis...

"Quando meu pai foi embora, eu já trabalhava na lavoura, nunca quis trabalhar na casa de ferragens, não gostava do Geraldo, cismava com ele pelo jeito que tratava minha mãe. Era eu que ajudava criar meus irmãos, levava o dinheirinho que ganhava para ela. Minha mãe fazia de tudo, lavava roupa pra fora, trabalhava de faxineira e ainda cuidava da casa. Enfeitava, punha cortina nas janelas, fazia vasinhos de flores com lata de azeite. Vida de pobre não é fácil, ainda mais pra mulher sozinha...

-- Essa estradinha era difícil, no tempo da direção mecânica, agora esses carros parece um automóvel, tem carro de passeio que tem o volante mais pesado que esse ônibus. Hoje em dia tudo mudou, os ônibus da cidade têm até o câmbio 'hidramático', antes era só nos carros americanos, tinha o *oldsmobile*, era com câmbio automático, comia uma gasolina lascada... Uma serra dessas...um cabra meio fraco na boleia chegava lá encima arrebentado, era até perigoso, hoje em dia, olha só..."

E me mostrava com que facilidade movimentava o volante...Contei a ele de minhas aventuras transportando gado com um *chevrolet-gigante* 1948 do meu cunhado. Mostrei minha carteira de habilitação modelo "D". Ele sorriu:

— Então você sabe...!

Às vezes eu ocupava os silêncios de Benedito Domingo contando alguma história que pensava combinar, ter algo a ver com aquela que ele estava me revelando aos poucos. Intuitivamente eu queria estimular o homem a avançar na sua narrativa.

Contei, quando ele disse que trabalhava duro na lavoura, as noites, três ou quatro, que passei arando terra com o tur, trator de procedência polaca, como era também o meu pai. O tur tinha um volante pesado, sem ajuda motora, como convinha a uma república democrática popular (brincadeira, companheiros!).

Contei que meu cunhado havia se associado a um japonês, numa

plantação de tomates e criação de "garinhas regorn". O japonês tinha três filhas, eu nunca conseguia diferenciar uma da outra, tinha uma que me interessava mais, eu não sabia exatamente qual, acho que elas se divertiam um bocado com isso, ou não. Na colheita eu tentei acompanhar o ritmo delas empilhando as caixas de tomate, mas meus braços, de alpinista, não

corresponderam à resistência das japonesinhas. Ao tentar colocar a décima caixa no ponto mais alto da pilha, para a alegria das três, bíceps e tríceps falharam. Teve uma que riu mais que as outras, enquanto recolhia os tomates espalhados no chão do paiol, com aquela risadinha japonesa. Decidi que era aquela que me interessava. Não adiantou, dali a alguns dias eu não sabia mais qual era...

Benedito ria, mas ria sério, pensando na gravidade das revelações que estava para me fazer...

— Não quero fazer comparação, mas cabo de enxada é mais pesado que o volante de qualquer trator polaco! — Ele disse rindo.

Concordei. Disse-lhe que não queria fazer comparações. Benedito retomou sua narrativa.



"Figuei escondido no meio das toras de peroba e de um caminhão velho, que apodrecia no pátio da estação."

João Urban nasceu em Curitiba, em 1943. É um dos grandes fotógrafos brasileiros da atualidade. Autor dos livros Bóias-frias, Tageluhner in suden brazilien (1984), Tropeiros (1992) e Tui i Tam — Memórias da imigração polonesa (2004). Benedito Domingo, romance de onde o trecho acima foi extraído, marca a estreia de Urban na ficção. O livro será lançado este mês pela editora Confraria do Vento, no Recife, onde o escritor vive atualmente.

ESPECIAL | 100 ANOS DE A METAMORFOSE



Publicado em outubro de 1915, *A metamorfose*, ficção de Franz Kafka, traduz alguns dos impasses do homem contemporâneo, que é diferente mas precisa parecer igual a todos, a transformação constante e a falta de controle que o indivíduo tem sobre a própria vida

MARCIO RENATO DOS SANTOS

fato de um autor ter o seu nome, ou sobrenome, utilizado como adjetivo é sinal — inequívoco — de alguma popularidade. Franz Kafka (1883-1924), por exemplo, deixou um legado literário — escrito em língua alemã — cada vez mais valorizado. Kafkiano é um adjetivo, de acordo com o senso comum, relacionado à falta de sentido e/ou incompreensão. Mas o professor da Universidade de São Paulo (USP) Daniel Puglia observa que a expressão pode ter muitos significados.

"O termo kafkiano, pelo uso contínuo, se banalizou, e é utilizado, muita vezes, em situações simplificadas. Kafkiano pode significar alienação na vida familiar, no trabalho, em relação às instâncias de poder, ao labirinto da burocracia. No entanto, tais labirintos são apenas o começo de um novelo", diz.

O professor da USP afirma que o adjetivo kafkiano demonstra o profundo impacto que a vida moderna tem em situações cotidianas que, na maior parte dos casos, escapam de qualquer controle. E essas reflexões têm como ponto de partida um dos mais cultuados textos de ficção do autor tcheco, A metamorfose escrito em 20 dias, entre 17 de novembro e 7 de dezembro de 1912, e publicado originalmente nas páginas da revista Die weissen Blätter em outubro de 1915.

Nesses 100 anos, A metamorfose se consolidou como um dos marcos da literatura mundial e a potência da ficção de Kafka fica evidente já na frase de abertura — a tradução é de Modesto Carone: "Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso."

Becos sem saída

O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Gerson Roberto Neumann analisa que kafkiano está relacionado a "becos sem saída". "E quando se instaura um cenário, do qual não se consegue sair, é dar de cara na porta, nas muitas portas que as narrativas de Kafka abrem", teoriza. Para exemplificar o que diz, Neumann cita o tema que, para ele, mais se destaca em A metamorfose: "A relação humana com a transformação".

"No momento em que você muda

e deixa de ser quem era, as pessoas, geralmente as mais próximas, te abandonam. Mas não mudamos a cada instante? Além disso, é importante observar como uma transformação pode levar a um isolamento e este, por sua vez, a uma perda de tudo que se tem. É muito fácil perder tudo", comenta o estudioso da UFRGS.

Após acordar transformado em um inseto monstruoso, o protagonista de A metamorfose enfrenta turbulências no relacionamento familiar e profissional — e perde tudo o que possuía anteriormente. "Acho que é importante ressaltar justamente as consequências que podem causar as metamorfoses que se dão em nós todos os dias e como isso pode ser sentido e percebido", completa Neumann.

Ensaio sobre a puberdade

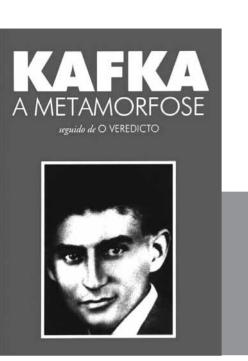
O professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Paulo Soethe acredita que A metamorfose é um texto literário a respeito da puberdade, e sobre a puberdade como condição moderna por excelência. "O que mais impressiona neste texto de Kafka é a abertura

de significados que se dá quando se lança sobre ele a chave de leitura da puberdade. Basta atentar para os detalhes sobre a transformação do corpo de Gregor: pernas longas demais e descontroladas, variação da voz que de repente se ouve como um chiado fino, a mancha branca e viscosa que se acha sobre a barriga repentinamente enrijecida pela musculatura", diz.

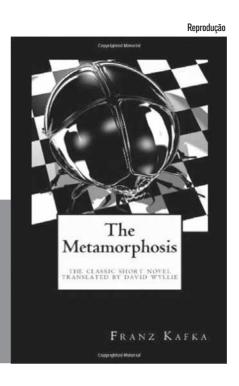
A metamorfose, argumenta Soethe, propõe um enigma para falar do enigma da própria condição absurda vivida pelo protagonista, que, no entendimento do professor da UFPR, de absurdo não tem nada: "A situação de Gregor Samsa é prosaica, banal e sua grande 'transformação', se lida sob um regime prosaico — sem interpretações simbólicas e lentes mirabolantes — é uma mescla de puberdade tardia com estado depressivo, um estado de impossibilidade de exercício da vida privada em um ambiente burguês, repressor, marcado por expectativas utilitaristas e falta de lealdade por parte da família."

Soethe conta que uma de suas experiências de maior intensidade como professor de literatura foi ler A

ESPECIAL | 100 ANOS DE A METAMORFOSE







Kafka em todo o mundo: edições de *A metamorfose* em português, alemão e inglês.

metamorfose com alunos do ensino médio e ter vivenciado a recepção e fruição do texto. "Em especial, os meninos em plena adolescência, a partir de algumas poucas indicações sobre elementos do texto que lhes permitiam a identificação irônica e autocrítica com o pobre e atrapalhado Gregor Samsa, ainda mais sob a paralelização de 'Samsa' e 'Kafka' [é praticamente o mesmo nome] no quadro negro, que parecia lhes dizer: 'Sim, pensem em vocês mesmos, esqueçam os dogmas da teoria literária e mergulhem nesse turbilhão de vida e reflexão sobre o corpo, a linguagem e a sociedade contemporânea'."

Singularidade de todos

Já o professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Lourival Holanda diz que *A metamorfo*se evidencia a estranheza de cada ser humano em meio a um sistema que tende a homogeneizar todos. "Cada qual se sabe, quando a sós, um bicho

estranho — e que só se é social à força de mutilação de si. Esse texto de Kafka traz o escândalo da singularidade num modo cru da alegoria animal", afirma Holanda, atualmente à frente da editora da UFPE.

Holanda observa que, não apenas neste texto que completa 100 anos de publicação, mas toda a obra de Franz Kafka problematiza a singularidade humana. Mas, na opinião do pesquisador, em A metamorfose a questão é acentuada: fora do trabalho, fora da rotina protetora, Gregor Samsa se sente "a mais", sobrando, inassimilável, portanto: monstruoso.

A passagem do tempo, argumenta Holanda, foi ajudando a ver, "evidenciando mesmo", a realidade a que Kafka faz menção: "Em minha geração, o sem sentido, o nonsense, era ainda um escândalo, um teorema filosófico. Hoje, já não causa impacto: convive-se mais facilmente com a desrazão das coisas. Os mais jovens leem um Kafka mais próximo [deles]."

"Apenas" um conto?

A metamorfose não é, de jeito nenhum, um romance. A afirmação é de Paulo Soethe. "O enredo é muito simples, o texto muito breve, as personagens e relações entre elas pouco complexas e circunscritas demais", afirma. Para Soethe, seria possível classificar o texto como uma novela: "Há um evento inusitado, em torno de um grupo restrito de personagens, com unidade temporal e desdobramentos ágeis e contínuos da ação, em direção a um clímax bastante definido".

No entanto, explica o professor da UFPR, o texto é considerado, de acordo com a tradição alemã, uma erzählung, ou seja, uma "narrativa curta". "Consideravelmente mais longa e diversificada que um conto, em suas linhas narrativas, e descomprometida com a tradição novelística propriamente dita, linear, centrada na ação em si mesma e preocupada em manter o leitor cativo sob a expectativa da solução de uma trama", diz Soethe.

Gerson Roberto Neumann, da UFRGS, considera A metamorfose um conto longo e, levando em conta este ponto de vista e a observação de Paulo Soethe, para quem o texto é uma "narrativa curta mais longa e diversificada que um conto", a ficção de Kafka protagonizada por Gregor Samsa, de fato, traz um aspecto que os contos considerados magistrais possuem: foco nos detalhes.

Daniel Puglia, da USP, considera que a espantosa genialidade da obra de Kafka tem relação direta com o acúmulo de detalhes que o autor incluiu em sequência nos textos literários que escreveu: "Não importa quantas vezes você tenha lido uma obra dele. Quem relê, se surpreende. Em A metamorfose, Kafka descreve com precisão o mofo do quarto de Gregor Samsa ou o raio de sol que atinge a família no fim do livro, depois da morte do protagonista. Os detalhes nunca estão sobrando. Parece uma obra perfeita. Tudo tem funcionamento."

Em *A metamorfose*, Kafka descreve com precisão o mofo do quarto de Gregor Samsa ou o raio de sol que atinge a família no fim do livro, depois da morte do protagonista. Os detalhes nunca estão sobrando. Parece uma obra perfeita. Tudo tem funcionamento"

Questionado se A metamorfose é um conto ou uma narrativa um pouco mais extensa, quem sabe até uma novela?, Lourival Holanda, da UFPE, afirma: "A indistinção de gênero é talvez o que distingue nosso tempo." Para ele, o texto evidencia o que há de instável e precário na arte moderna. "Kafka sussurra — mas, quem escuta, em meio ao barulho ensurdecedor dos anúncios de toda ordem e publicidades estridentes?", questiona Holanda.

Direto no alvo

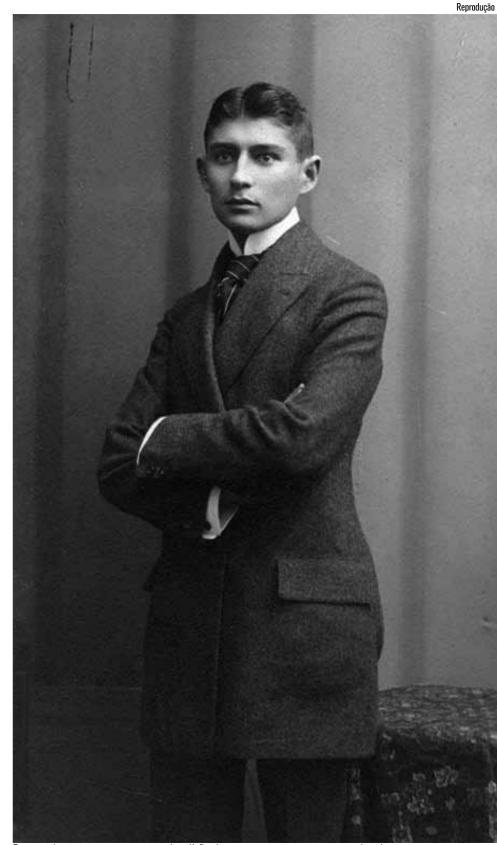
Daniel Puglia, professor da USP.

Daniel Puglia chama a atenção para a linguagem clara, direta e de fácil compreensão utilizada pelo escritor. "Kafka tinha um compromisso de investigar a razão humana e compartilhar as suas inquietações com os outros. O texto é simples, mas nunca simplório. Ele tem o que dizer o tempo todo. De repente, surge uma frase, algo inusitado, uma virada de perspectiva narrativa, e é nessa 'coreografia' que se faz uma prosa inimitável", comenta o professor da USP.

Lourival Holanda observa que o vocabulário de Kafka é desconcertantemente pobre, por exemplo, comparado com o de um Honoré de Balzac. "Mas como Kafka foi mais fundo!", acrescenta.

"Depois de Kafka, literariamente falando, o que se pode fazer?", pergunta Daniel Puglia. "Ele atingiu os limites da narrativa de ficção. Com uma linguagem jurídica, sem deixar dúvidas a respeito do que está enunciando, Kafka passa por todo o espectro das emoções humanas. Melancólico, também é engraçado e tem um humor aterrorizante", define o uspiano.

Alguns autores, comenta Lourival Holanda, se não definiram, inauguraram a sensibilidade do contemporâneo. É o caso de Franz Kafka: "Ele deu à alegoria a força do mito: que perdura e se modifica. W. H. Auden diz bem: Kafka espelha o lado sombrio desse tempo nosso. Creio que, por isso, tem a força de um mito moderno."■



Por meio de uma prosa seca, enxuta e clara, Kafka descreveu situações aparentemente absurdas.

ESPECIAL | 100 ANOS DE A METAMORFOSE

Kafka e a culpa

O professor **Flávio R. Kothe**, da Universidade de Brasília, discute a questão da culpa, tema que considera o mais importante na produção de Franz Kafka

erne da produção literária e jurídica de Kafka é a questão da culpa. Esse é um modo de apre-ender conceitualmente a conforender conceitualmente a conformação da coluna vertebral de sua obra, mas esta esconde em seu interior algo que é um enigma, que se apresenta, mas não se expõe. Trata-se, portanto, de uma rede que se estende sobre a obra para enquadrá-la, mas ela escapa a esses fios, como que escorrega por dentro deles. Onde o discurso jurídico, preso ao direito positivo, tem seus limites, começa o espaço da ficção, que tende a ir tanto mais longe quanto melhor o escritor, podendo dizer e sugerir o que o jurista e o teólogo não ousam formular.

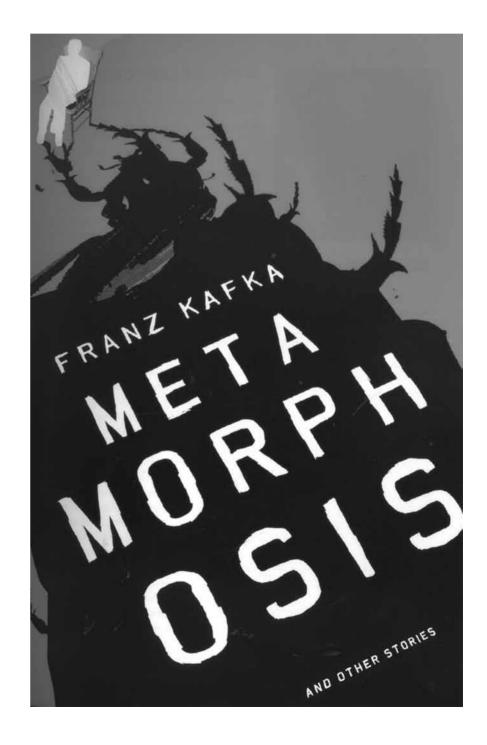
A "culpa" não é apenas cerne de Kafka, mas cerne de todo o Direito, de toda moral, de toda administração pública. Ela é um desdobramento do poder, da responsabilidade pessoal, das relações humanas. Faz parte de nosso agir diário, fundamenta nossos comportamentos, dá e retira lastro a governos. Cada classe, cada agrupamento político, cada época, cada meio, tem, porém, o seu conjunto próprio de valores. Nunca há apenas um sistema de valores: há os predominantes e há os dominados.

Para Kafka, o que prepondera não é, porém, o que se pressupõe no Estado de Direito, a letra escrita das leis promulgadas: há leis secretas, e toda lei permite mais de uma interpretação, há interpretações secretas de leis secretas. Estas são as que realmente valem. Não há transparência. Mais ainda quando se crê que ela impera. O transparente é o que menos se enxerga. A lei secreta dominante é a de manter e preservar o que ele chama de "aristocracia", uma oligarquia que domina a sociedade e cuja norma suprema é a autopreservação.

A contrapartida da culpa e da punição é a seleção e a premiação. Quando Freud examinou a questão que ele chamou "Daqueles que fracassam no êxito", ele tratou, sobretudo, de pessoas que ficam infelizes e frustradas ao conseguirem algo pelo qual elas lutaram muito, como se não fossem merecedoras do sucesso. É como se o sujeito tivesse um inimigo interno, como se o sujeito fosse sujeitado a alguém que não é ele.

A questão não se esgota, porém, na frustração com o próprio sucesso: muitos se antecipam a isso e sabotam de antemão suas possibilidades de sucesso: antes de terem sucesso, não chegam a ele, pois se condenam a priori, como se não merecessem o sucesso potencial.

Seja ficando infeliz por ter conseguido algo que o sujeito no fundo crê não merecer, seja se tornando infeliz se impedindo de conseguir algo que o sujeito deseja, o que se coloca é a questão da culpa. Daí surge inclusive a variante,



de que o sujeito é feliz por sofrer: o masoquismo. A felicidade está aí na infelicidade, traço marcante no amor cristão.

Esse é um tema recorrente não só na lírica de Petrarca — a amada que só se pode ter como sonho, que só pode ser amada porque não vive mais — como já estava na proposta de Diotima, no Simpósio de Platão, em que o grande amor é proposto a um ente que é um ser que não existe — a beleza pura, o amor absoluto — e que como tal é a negação de todos os amores reais, possíveis, que se tornam negativos.

Isso foi assumido no catolicismo com a ressurreição da deusa egípcia Ísis na figura da Virgem Maria, sendo o culto mariano uma busca de opção pelo amor puro e absoluto. Como ele ocorre num mundo relativo, ele se relativiza, sendo em geral uma falta de maturidade, um complexo edipiano mal resolvido.

Que o grande amor seja aquele "que me traiu e que me abandonou" é uma versão popular — recorrente no cancioneiro popular, na música sertaneja e no cânone literário brasileiro desse mesmo paradigma metafísico. Na Idade Média, tratou-se de propor a felicidade como somente possível no post--mortem, enquanto a vida na Terra foi reduzida a uma peregrinação por um vale de lágrimas.

Em Kafka há o choque e a elaboração do confronto entre três paradigmas metafísicos: o grego, o judaico e o cristão. Esse choque é central no pensamento ocidental, ainda que o ocidente tenha suposto que absorveu a contribuição do Antigo Testamento ao se propor como um pensamento baseado na Bíblia. Há, porém, contrastes fundamentais entre o Antigo e Novo Testamento, especialmente na dimensão ética e do sentido da história. A destruição da arte grega pelos cristãos, as perseguições aos judeus e o próprio racismo judaico são manifestações históricas desse choque fundamental. Ele se desdobra hoje novamente no choque entre mundo cristão e muçulmano. Nisso se mede a relevância e talvez a limitação de Kafka.

A obra de Kafka pode ser dividida em alguns blocos formais: os três grandes romances (América, O processo, O castelo), os contos maiores (A metamorfose, A colônia penal, etc.), os contos curtos, os aforismos, as cartas e os diários. Eles formam uma constelação aberta, com diversos cruzamentos internos, em que cada parte ilumina e, ao mesmo tempo, retoma e modifica algo formulado em outro lugar. Por isso, querer um cerne que explique tudo, uma forma geométrica de expressão matemática, é um modo inadequado, embora habitual, de tentar "resolver" sua obra.

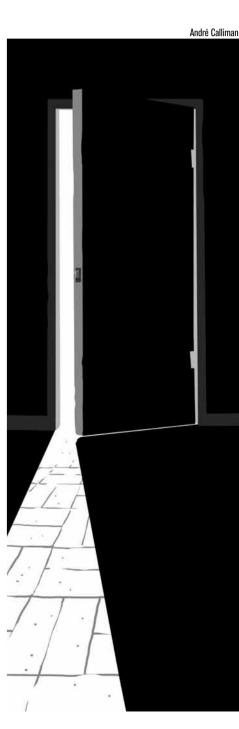
Muitas tiranias

Quando Gregor Samsa acorda pela manhã, descobre que ele havia se convertido num bicho, num monstruoso inseto (Ungeziefer, não uma barata, Kakerlack). Quando se considera o modo como ele era tratado em casa e no emprego, vê-se que ele já era um inseto antes de se tornar um inseto. Ele assumir a forma de um inseto com todo o discernimento humano — uma figura contrária à antropomorfização, uma

animalização, mas com o mesmo efeito de estranhamento — ele chega a um nível mais elevado de consciência de si mesmo e de sua circunstância. Ele é mais gente sendo inseto do que enquanto era gente.

"Na colônia penal" há um aparelho singular, monstruoso, que inscreve na carne do condenado a sua sentença, para que ele nunca mais se esqueça do que fez. É uma variante da lei que mandava cortar a mão de quem roubasse e a cabeça de quem matasse. Não se discute mais se a sentença é correta ou não: apenas se cumpre a sentença oriunda de instância considerada mais alta. A culminância se dá no fim, quando o carrasco descobre que ele mesmo deveria ser punido. Ele próprio se executa. Nietzsche havia registrado que os penitentes que se autoflagelam pelos seus supostos pecados sentiam dor, o que os levava a querer parar, mas havia neles uma vontade mais forte que essa vontade de parar. Tem-se aí uma sensação de vitória enquanto o sujeito se destrói.

Quando se propõe a questão da culpa, junto vem o conceito de lei, de poder, de responsabilidade, até de vingança, ainda que se disfarce em termos de "justiça". Está se propondo, portanto, a noção de "culpa" como um catalisador, a colocar em movimento outros elementos. A relação primeira de poder se dá entre pai e filho. A famosa "Carta ao pai" (Brief an den Vater) já foi traduzida, erroneamente, por "Carta ao meu pai". Se ela fosse apenas uma carta de Franz ao pai dele, seria um texto privado, de sentido biográfico. Ela tem sido tomada como ponto de acesso à obra de Kafka.



ESPECIAL | 100 ANOS DE A METAMORFOSE

Essa disposição se deve muito à leitura freudiana, sem que o próprio Freud tenha escrito sobre ele.

O tema subjacente aí é, portanto, o complexo de Édipo, visto como cerne do inconsciente por Freud, sendo a carta um esforço do filho em enfrentar o pai e conseguir superá-lo, dentro da tese psicanalítica de que todo pai é um tirano e o filho precisaria enfrentá-lo para amadurecer, para se tornar um adulto. A postura é, portanto, de antemão a favor do filho e contra o pai. Conforme cita Modesto Carone: "O pai — diz Benjamin — é a figura que pune. A culpa o atrai, como atrai os funcionários da Justiça. Há muitos indícios de que o mundo dos funcionários e o mundo dos pais são idênticos em Kafka. Essa semelhança não os honra. Ela é feita de estupidez, degradação e imundície".

A eterna figura que pune

Machado de Assis, numa crônica à época da transição da monarquia à república, anotou, em alemão para ninguém entender, que não importava no Brasil muito que se tivesse uma monarquia constitucional ou não, pois o que existia era uma oligarquia absoluta. Esta é uma aristocracia. Outro nome dela seria hoje plutocracia, ainda que se diga que democracia representativa. Os representantes do povo são plutocratizados e fazem o governo que for da conveniência do enriquecimento de

poucos pelo trabalho de muitos. Kafka sente o impasse e se pergunta quem ousaria se deixar guiar pela lei de aniquilar a aristocracia, como de fato estava acontecendo à época dele com a derrubada da monarquia austro-húngara, a criação da República de Weimar, a revolução soviética de 1917.

Por que o pai tem de ser sempre e somente a figura que pune? Por que a burocracia tem de ser a extensão de um poder que somente e sempre ameaça, degrada e pune? Não existe aí uma simplificação? Há pai que é autoritário, prepotente, punitivo, capaz de machucar ferozmente o filho pequeno, mais ainda quando está bêbado ou drogado, mas nem todo pai é sempre assim. O governo pode ser uma tirania, a prepotência instituída, mas pode ser também um modo de organizar os recursos coletivos para benefício e bem estar da maioria.

Em suma, é preciso reexaminar os pressupostos inconscientes que ditam o que aí se realiza na ficção. Não se quer dizer com isso que o pai de Franz Kafka não tivesse sido um tipo prepotente, mesmo brutal, menos ainda se quer dizer que o escritor não tivesse prenunciado, com fina sensibilidade, o que ia, no início do século XX, se configurando em sua região com os regimes ditatoriais que se instalaram com o fascismo, o nazismo e o stalinismo, mas que estavam já contidos no







controle exercido pela monarquia vienense e alemã sobre as províncias.

Se o pai e a autoridade são reduzidos a figuras tirânicas, quem aparece como vítima é o filho, o cidadão bonzinho. Subjacente a essa solidariedade se tem um sujeito que não conseguiu ainda superar o seu próprio "complexo" e precisa relembrar no alter-ego o seu próprio período heroico de enfrentamento. Será que o pai é, porém, sempre um tirano? Será que essa divisão entre bem e mal não é também um mal, por mais que ela faça bem ao inverter a noção habitual de que a autoridade, paterna, eclesial ou estatal, representaria o bem, ficando a oposição como sendo o mal?

Ele é cristão

Se em Kafka prepondera de modo marcante a figura paterna e governamental como tirânica, está ele sendo nisso cristão ou judeu? No cristianismo, o Pai só tem um filho, a contragosto, pois não é mulherengo como Zeus, para que seja torturado e morto, para corrigir os erros que ele próprio fez ao criar o homem. O filho se deixa matar e, com isso, consegue tomar o lugar do Pai como deus principal, inaugurando a era cristã, a do predomínio do filho. O filho obedece à vontade do pai. Nesse sentido, Kafka é cristão.

O cristianismo interpreta o filicídio como um sacrifício que o pai faz para salvar a humanidade. Não vê, portanto, no Pai uma figura perversa, que não deveria ser adorado como um deus e sim execrado. Embora seja considerado um ente inteligente, até mesmo onisciente, ele não consegue prever que o homem que ele cria se tornaria a desgraça que todos sabem ser nem é capaz de encontrar nenhuma solução melhor do que, primeiro, um dilúvio mal feito, em que sobra gente de chega para repovoar a Terra e, depois, achar que a morte de um filho seria o modo de redimir a humanidade inteira.

Kafka não viveu do que escreveu como literato. Sobreviveu do que escreveu como jurista. Se tivesse sobrevivido, teria direito a uma fortuna em direitos autorais, muito mais do que o seu pai ganhou com o comércio. Talvez assim o seu pai o respeitasse. Uma primeira edição de Kafka feita em vida, com 800 exemplares, não vendeu nada. A nós resta um escritor de tal qualidade que, passados mais de 90 anos de sua morte, ainda podemos retomar com imenso interesse uma obra que sobrevive, não por ser testemunho de um lugar ou de uma época, e sim por sua qualidade literária, por sua capacidade de configurar de modo concreto, em palavras, enigmas que continuam sendo significativos para nós e que escapam à tentativa de apreendê-los e resolvê-los nas malhas conceituais.

O fracasso da teoria é o êxito da obra. ■

Flávio René Kothe nasceu em Santa Cruz do Sul (RS). É professor de Estética na Universidade de Brasília (UnB). Vive em Brasília (DF).

28 CÂNDIDO | JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

ESPECIAL | 100 ANOS DE A METAMORFOSE

Kafka e o Brasil

Otto Maria Carpeaux, o primeiro crítico a escrever sobre Franz Kafka na imprensa brasileira, e Modesto Carone, que verteu diretamente do alemão para o português os livros do escritor tcheco, são nomes incontornáveis na difusão da obra do autor de *O processo* no país

LUIZ REBINSKI



ssim como a literatura que produziu, quase tudo que diz respeito a Franz Kafka é estranho. Ou, como Otto Maria Carpeaux escreve no célebre ensaio "Meus encontros com Kafka", tudo em torno do autor é equívoco, dadas as diferentes — e por vezes contraditórias — visões que a literatura de Kafka pode sugerir.

Mesmo sendo um dos maiores escritores de todos os tempos, Kafka viveu em um quase anonimato, com suas obras circulando de modo restrito enquanto o autor viveu — algumas delas, como os romances O processo e O castelo, foram publicadas postumamente. A ordem de Kafka para que o amigo Max Brod queimasse seus escritos após sua morte é mais um detalhe pitoresco em sua errática trajetória.

No Brasil, a recepção da literatura do autor foi igualmente difusa e tardia. As primeiras traduções, ainda esparsas, são do final dos anos 1950. A primeira menção ao tcheco aparece em um ensaio de Carpeaux chamado "Kafka e o mundo invisível", publicado em 1941, no jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro. Esse texto seria incluído, no ano seguinte, na coletânea Cinzas do purgatório, um dos livros mais conhecidos do crítico austro-brasileiro.

Em 1952, Sérgio Buarque aprofunda o debate sobre o tcheco em Kafkiana, um ensaio publicado nas páginas do Diário Carioca e nunca reunido em livro. Mas foi só 15 anos após o ensaio inaugural de Carpeaux sobre Kafka na imprensa nacional, em 1956, que a primeira tradução em português de um livro do autor é publicada no país. A metamorfose surge no Rio de Janeiro, viabilizada pela editora Civilização Brasileira, em tradução de Brenno Silveira.

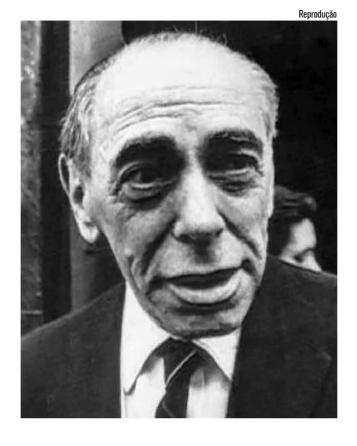
"A partir dos anos 1960 e 1970, surgem a par de interpretações biográficas e proféticas também textos mais extensos e profundos de expoentes intelectuais que abrem outros caminhos de acesso à obra de Kafka", diz Celeste Ribeiro de Sousa, professora da Universidade de São Paulo (USP).

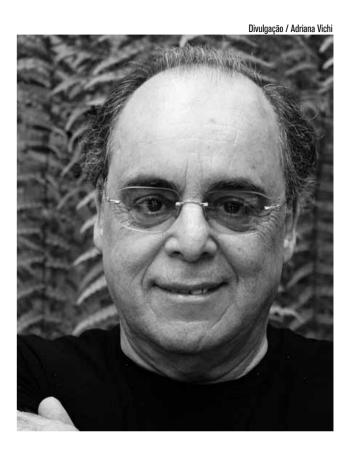
Doutora em literatura alemã, Celeste cita o trabalho de Anatol Rosenfeld como outro marco nos estudos da obra kafkiana no país. "Em Doze estudos, de 1959, Rosenfeld chama a atenção para as mil e uma interpretações extraliterárias — biográficas, psicanalíticas, médicas, surrealistas, religiosas, existencialistas, histórico-políticas, judaicas, psicossociais — que, até então, vinham sendo feitas no exterior, e dá notícia da urgência de se voltar a crítica para abordagens estéticas, para análises textuais."

Segundo o tradutor e romancista Marcelo Backes, a recepção da obra de Kafka não foi lenta apenas no Brasil. Após a morte do autor, em 1924, houve traduções isoladas em várias línguas (em francês, em 1928, e em castelhano, em 1938, por exemplo), mas é só após os anos 1960 que tanto as traduções quanto a fortuna crítica do escritor ganham impulso no mundo.

"Mesmo na Alemanha, a cuja literatura o tcheco Franz Kafka pertence, só se passou a estudar de verdade sua obra depois da Segunda Guerra Mundial, talvez com afinco e dedicação apenas na década de 1960. É óbvio que vários autores e críticos já percebiam sua importância, mas o eco em massa, e mesmo acadêmico, se faria notar apenas mais tarde", diz Backes, que já verteu para o português livros como A metamorfose e Carta ao pai.

No Brasil, é consenso, a obra de Kafka ganha maior dimensão e impacto a partir das traduções e estudos de Modesto Carone, realizadas, em sua maioria, nos anos 1980. O salto se dá não apenas por





Otto Maria Carpeaux, que conheceu pessoalmente Kafka no início do século XX, inaugurou a crítica sobre o autor no Brasil. Modesto Carone, por sua vez, aprofundou os estudos sobre o escritor com traduções, ensaios e conferências na universidade.

conta da habilidade e conhecimento do tradutor, mas em grande parte, também, porque Carone verte as obras diretamente da língua original, o alemão, o que até então não acontecia.

"A objetividade seca e a precisão límpida do léxico cartorial, dentro dos limites de qualquer processo tradutório, foram resgatadas por Carone, que também é advogado. Kafka trabalhava em uma companhia de seguros, ocupando-se com a elaboração de relatórios ligados a sinistros. Modesto Carone não apenas conhece profundamente o idioma alemão e a obra de Kafka como também domina o dito jargão e é ele mesmo escritor reconhecido", explica Celeste Ribeiro de Sousa, que foi aluna de Carone no final dos anos 1960.

Influência

É famosa a frase de Carlos Drummond de Andrade sobre a onda kafkiana que abateu a cena literária brasileira: "Franz Kafka, escritor tcheco, imitador de certos escritores brasileiros". Ironia à parte, nem mesmo o poeta escapou da poderosa influência do autor de O processo. Drummond publicou pelo menos dois poemas em que o impacto de Kafka é evidente: "K" e "Áporo".

Entre os incontáveis trabalhos acadêmicos sobre o tcheco em nossas universidades, alguns relacionam Kafka a dois autores nacionais: Murilo Rubião e Clarice Lispector. O primeiro pela ocorrência do fantástico em seus contos (K. no Brasil: Kafka, Murilo Rubião e Aníbal Machado, tese de Manuela Ribeiro Barbosa — UFMG); já Clarice aparece como uma kafkiana pelos textos com alta voltagem de angustia e opressão (Clarice Lispector e Franz Kafka: trilhas e vislumbres, tese de Marcia Regina Cândido Otto Adam — UFSC).

Mas por conta da grande originalidade de sua obra, Kafka é um autor difícil de emular e sua influência em outros escritores — ou geração — seja menos perceptível. "Todos os que lemos Kafka fomos e continuamos a ser impactados por ele. Não diria que é a experiência de uma geração específica. Kafka é um autor para todos os tempos. Os elos são sempre um tanto forçados. O que caracteriza a grande literatura é a singularidade", diz José Castello, que não vê conexões entre as obras de Kafka e Clarice. "A simples tendência à introspecção não traça, a meu ver, nenhum elo entre os dois autores."

Mais evidente é a presença de Kafka — e sua obra, por consequência — como personagem na literatura brasileira. Os exemplos são vários. Moacyr Scliar escreveu Os leopardos de Kafka, romance de nuances históricas sobre um revolucionário russo que encontra Kafka de modo acidental em 1916, na eminência da Revolução Bolchevique.

Em A copista de Kafka, o paranaense Wilson Bueno transformou em ficção a relação entre Kafka e sua noiva, Felice Bauer. Jair Ferreira dos Santos escreveu um livro de contos chamado Kafka na cama, título que deriva de uma das histórias de coletânea, "De tarde, Kafka, na cama", uma narrativa sobre relacionamentos. Já o baiano Mayrant Gallo mergulha no universo do autor de A metamorfose para contar a história de um homem que, ao se deparar com um inédito de Kafka, sofre com acontecimentos inexplicáveis.

Para a professora Celeste Ribeiro Sousa, da USP, essas publicações são exemplos da atualidade da obra de Kafka. "Os medos, as angústias, a ansiedade, o estranhamento, o vácuo, a falta de sentido existencial — tormentos do homem hodierno — estão presentes e configurados nos textos de Kafka. O modo 'realista' como essa 'atualidade' está registrada também permanece muito moderna."

ı

A metamorfose do Moska

Divulgação

O cantor e compositor Paulinho Moska comenta a sua passagem pelo Inimigos do Rei, banda que fez sucesso em todo o país no final da década de 1980 com uma canção que faz referência a Franz Kafka

MARCIO RENATO DOS SANTOS



A metamorfose, de Kafka, fez a cabeça de Moska: "A história de um homem que acorda transformado em um inseto monstruoso me arrebatou."

m 1989, a banda carioca Inimigos do Rei lançou um álbum homônimo que obteve ressonância imediata em âmbito nacional. A primeira canção a tocar nas rádios, num contexto sem internet, foi "Uma barata chamada Kafka". "Chegou ao primeiro lugar no Brasil inteiro no mesmo dia em que foi lançada", lembra Paulinho Moska.

A ideia da canção surgiu num ensaio. O baterista Marcelo Marques teria dito: "Vem cá ficar(Kafka)/comigo". Em seguida, Luiz Guilherme, o letrista oficial da banda, escreveu a letra inteira, após ler *A metamorfose*, de Franz Kafka, e uma obra de Clarice Lispector que também tem um inseto no enredo, *A paixão segundo GH*.

"Tocávamos a canção, que já fazia muito sucesso, em bares e pequenos shows no Rio de Janeiro, antes de sermos contratados pela SONY. A banda tinha dois anos de existência quando gravamos uma fita cassete com cinco canções produzidas pelo mutante Sérgio Dias Baptista, o nosso primeiro padrinho", conta.

Mas o sucesso de "Uma barata chamada Kafka" não estimulou, por exemplo, a produção de reportagens, comentários ou reflexões sobre o autor tcheco. "Como era uma música de humor, cantada por uma banda escrachada, formada por atores e cantores que não tinham pudor nenhum do ridículo, fomos confundidos com um produto descartável e sem muita importância. Não houve nenhuma discussão ou comentário contundente

sobre o Kafka ou *A metamorfose*", lamenta o cantor e compositor desde a década de 1990 em carreira solo.

Moska, um dos vocalistas, deixaria o Inimigos do Rei em janeiro de 1991, depois de a banda se apresentar no Rock in Rio II. Ele mostrou novas canções e a recepção não foi positiva: "Disseram pra eu usar em um álbum solo. Eles queriam avançar no projeto de música de humor, que não era exatamente o que eu queria pra minha vida. Sempre quis ser um compositor livre e a ideia de ter um rótulo, no caso, o de 'engraçadinho', me incomodou muito."

Atualmente, Marco Lyrio (guitarra), Marcelo Crelier (baixo) e Marcelo Marques (bateria), três dos sete integrantes da formação original, seguem em atividade, mas agora a banda se chama INIMIX.

Mergulhar no que é único

Moska afirma que para escrever canções é necessário ler, se aprimorar e desenvolver uma linguagem pessoal: "Aos poucos, fui percebendo que cada escritor, poeta ou letrista que eu gostava tinha uma assinatura. E é isso que eu busco. Um jeito meu de fazer as coisas", diz o autor, entre outros, dos álbuns Vontade (1993), Pensar é fazer música (1995), Contrassenso (1997), Móbile (1999), Eu falso da minha vida o que eu quiser (2001), Muito pouco (2010) e de Loucura total (2015), este em parceria com o argentino Fito Paez.

O compositor, há alguns anos





Inimigos do Rei no fim da década de 1980: sete jovens que usavam a linguagem pop para falar de qualquer assunto, até de Franz Kafka.

apresentando o programa Zoombido, exibido no Canal Brasil, acredita que as "deficiências", ou peculiaridades, de um artista podem se transformar em diferenças, resultando em um tipo de escrita, linguagem ou dicção que só aquele poeta, letrista ou escritor sabe fazer. "Kafka fez isso: foi fundo na própria singularidade".

Ele diz ter entrado em contato com A metamorfose na primeira metade da década de 1980, período em que estava lendo textos de Carlos Castañeda, Charles Bukowski, Jack Kerouac e T.S. Eliot. "A contracultura, os outsiders, os beatniks e outros autores visionários tinham algo de lisérgico, mas a história de um homem que acorda transformado em um inseto monstruoso me arrebatou. Apesar de, naquele contexto, ser um garoto extrovertido, sentia uma sensação de desajuste em relação ao mundo", conta o artista carioca, acrescentando que a sensação de estranhamento é forte em sua vida, ainda hoje, aos 48 anos. ■

A LETRA

Uma barata chamada Kafka (Luiz Guilherme, Marcelo Margues e Paulinho Moska)

Encontrei uma barata na cozinha Eu olhei pra ela ela olhou pra mim Ofereci a ela um pedaço de pudim O curioso foi que ela

Ela disse sim vem cá ficar comigo Sim! Gosta de tudo que eu gosto Sim! Vem cá ficar comigo Sim! Vem. Kafka

Ofereci a ela um disco do Sex Pistols Ofereci a ela uma batida de limão Perguntei se ela gostava dos Beatles Perguntei se ela era de escorpião

Ela disse sim vem cá ficar comigo Sim! Gosta de tudo que eu gosto Sim! Vem cá ficar comigo Sim! Vem. Kafka

Você mora na Barata Ribeiro num edifício Que tem um buraco perto do chuveiro Já se drogou com detefon, insetizan, fumou baygon Tudo quanto é tipo de veneno você acha bom

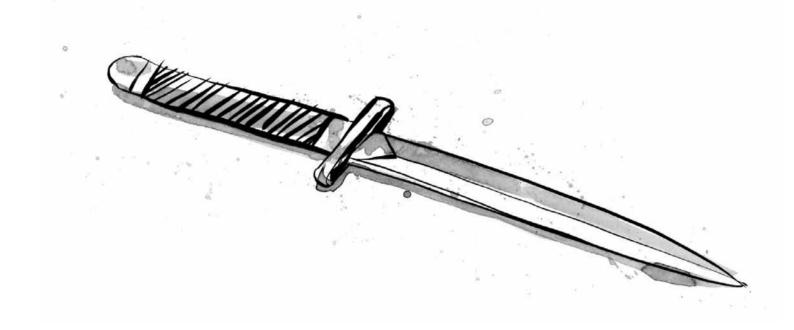
Sim! Vem, Kafka comigo Sim! Gosta de tudo que eu gosto Sim! Vem cá ficar comigo Sim! Vem. cá ficar com nós

Como posso evitar essa coincidência Encontrar uma barata com a minha aparência

La cucaracha. La cucaracha! tome cuidado com a sandália de borracha La cucaracha, La cucaracha! tome cuidado com a sandália de

horracha

PSSICA



anoel Tourinhos passou a viver pensando na vingança contra o homem que dilacerou o corpo de sua Ana Maura. De vez em quando, pegava a rabeta e dava longos passeios. Não podia aparecer por conta de sua cor, muito branca, e de seu sotaque. Zé do Boi, nas horas vagas, seguia procurando Pitico. De início, em Soure, não soube de nada. Foi a Salvaterra, Ponte de Pedras, São Sebastião da Boa Vista, chegou até Afuá. A pista surgiu de repente. Um cabo foi assassinado em Muaná. Tinha desgraçado a filha de um comerciante. Este chamou um matador, Dioclécio, que fez o serviço. Toda a polícia do Marajó estava atrás dele. Dioclécio, vulgo Pitico. Portuga e Zé do Boi foram para Muaná. Correram os bares. Nada. Quem podia saber não dizia. O cabo morto era um escroto. Arrogante. Os comerciantes pagavam proteção.

Pegava percentagem das casas de prostituição. Bebia e comia de graça. Sei lá, mermão. Pra nós, foi ótimo. Aquilo era um filho da puta. A polícia tá atrás. O capitão Silva botou todo o destacamento na rua. Tomara que não pegue. Fez um favor pra todos. O seu Diniz não pode ser culpado de nada. Até uma confissão, ele era apenas o pai da garota. Tomara que não peguem ele. Pra onde ele fugiria? Pro esconderijo. Soure. O Marajó é um mundo. É agora ou nunca. Na cidade não está. Em uma fazenda? Qual? Se estão escondendo, não vão dizer. Vai ver os donos nem sabem. Então vamos atrás de pista nos menores lugares. Nas vilas. Nessas onde todo mundo tem fome e um cara com dinheiro vai farrear. Foram margeando. Bebendo pinga, conversando. Ele é estrangeiro, é? Alemão, Zé do Boi dizia. Não fala português. E o que é que um porra dessas vem fazer aqui no fim do mundo? Sei lá, me pagando, tá bom. Chegaram à Vila Paixão. Tem uma cara estranha. O cara não é daqui. È isso. A galera vem sempre beber e ficar com as cabocas? De vez em quando baixa um aqui. E mais aí pras cidades grandes. Chega uma garota. Pergunta aí pro alemão se ele não quer foder. Faço pra ele por cinquenta reais. Égua! Assim tu estás querendo te aproveitar. Pera lá. Porra, o cara paga em dólar, né? Não, faz por vinte que tá bom. Nem fodendo. Trinta, então. Quantos anos ela tem? Doze. Muito criança. Já fode pra caralho, meu! É minha filha. Quem fodeu primeiro fui eu. Tu és o pai? Que é que tem? Eu criei, alimentei, fui o primeiro a provar desse xiri aí. Não é, Marluce? A criança concorda e ri. Tu qué fodê? Pergunta. Portuga diz que não. Ele não quer. Ele entende a nossa língua? Algumas palavras. Foder, beber, cagar.





llustração Leo Gibran

Foram embora, procurando outra birosca. Água Boa, o nome. A dona é uma mulher gorda, farta, sempre despenteada, descalça, que tem uma venda. Dona, não tem mulher pra arranjar pra gente? Tem, dotô, é só chamar. Umas meninas novinhas, nenhuma é cabaço. Cabaço é mais caro, mas a gente arranja. Tu podes pagar? Não, não quero cabaço. Mas também não quero muito novinha. Mas é das novinhas que todos gostam. Ainda tem xana apertada, dotô. Mas eu não disse? Passa cada um por aqui! Qual é o problema? Mulher nasceu pra foder, né? No mês passado prenderam o Cu de Abacate. Quem? O nome é Tião, mas o apelido é esse. Comia a filha todos os dias, e a mulher sabia! Ora, qual é o problema? A pequena foi se queixar pro bispo. Ora, que padreco tem mais é que rezar missa e não encher o saco. Até parece que vai resolver o problema.

E as mulheres, vocês querem? Tem duas que não têm condição. Como assim? Um cara que esteve aqui malinou muito com elas. Porra, o cara além de foder machucou, bateu, tem uma que nem cagar consegue direito, porque o cara abriu o cu dela todinho. Diz que estava atrasado. Égua do atrasado. Lembra dele? Eu sei quem é. Por que vocês querem saber? Agora entendi. Por isso esse papo de nove horas todo. São da polícia? Não, dona. A senhora pode ver que não. O parvo disse que estava entocado numa fazenda e só tinha uma tia pra ele comer. Mulher velha, feia, escrota pra caralho. Aí veio e tirou a forra. Pagou bem. Olha, tinha dinheiro, viu? Deu pra ver. Pagou pra gente não chamar a Ambulancha, não sabe? Parece que tinha medo de saberem quem é. Estava armado. Deu tiro pro ar, tocou o terror. Deu o nome? Não. Mas disse que a fazenda é Murunim. Em Soure? Sim. E como a dona sabe que é procurado? Dito foi a Salvaterra comprar uns remédios pras pequenas e viu a polícia procurando. Ele não lembra o nome, mas o filho da puta matou um soldado em Muaná. De encomenda, não sabe? Ainda vai querer as putinhas?

Chegaram a Soure de tardinha. Hotel Pérola de Soure. Dois quartos. Um patrício? Não, não sou português. Sou das colônias. Já é alguma coisa, ô pá. Bebes um vinho? Não é como daqueles da terrinha, mas quebra um galho. O que vêm fazer aqui, tu e teu amigo? Estou morando em Muaná há alguns anos e deu vontade de conhecer outras cidades. Passei em Ponta de Pedras, Salvaterra e, agora, Soure. Tiramos umas férias. Sim, patrício, as férias são importantes. Dá pra viver bem aqui em Soure? Amigo, eu também vivo

há alguns anos por aqui. Me estabeleci abri este hotel e vou levando. Meus filhos estão na capital, por aqui somente eu e minha senhora, uma cabocla da terra! Eu também fui casado com marajoara. E o que aconteceu? Infelizmente minha esposa faleceu muito nova. Ah que triste. Eu sinto muito! Quem sabe aqui em Soure, tu não encontras uma nova companhia? Quem sabe? Muitas fazendas por aqui? Ah, sim. O Marajó é um lugar único. Fazendas grandes, bons amigos. Ouvi falar de uma chamada Murunim? Ah, claro, é dos Santos Vales, família antiga, de bem. Marajoaras autênticos. Aqui vivem apenas os mais velhos. Os mais novos já foram pra Belém. Onde fica? É longe. Imagina que a frente dá para o rio Amazonas e as costas, para o oceano. Um paraíso. Consegues imaginar algo assim?

ROMANCE | EDYR AUGUSTO



Sim. Desceram bem antes. Correnteza braba. Mantimentos acabando. Combustível no fim. Vamos direto com os proprietários? Melhor. Por aqui, a lei é diferente. Estranho que aparece sem ser convidado, o que pode ser?

Sexta-feira. Manhã cedo. O vaqueiro chamou o capataz. Belo cavalo. Um homem branco. Português. O outro é dos nossos. Podemos falar com o proprietário, o senhor Santos Vales? Mas a modo que lhe pergunto, doutor, qual seria o assunto? Desculpe, mas preferimos falar apenas para ele. A modo que isso não vai ser possível, sem me dizer do que se trata. Estamos procurando uma pessoa. São polícia? Não. E quem seria? Diremos apenas ao senhor Santos Vales. É porque, se for um magro, com cabelo grande tipo playboy, já morreu. Como assim? Veio polícia e tudo. Já levaram o assassino. Vocês tão armados? Deixa tudo comigo. É só pra defesa pessoal e caça. Deixa tudo comigo. Vamos. Saiu trotando. Cinquenta metros antes da casa grande, mandou parar. Vou avisar. Espera aqui. Voltou. O senhor vai receber vocês ali no alpendre. Está com visitas.

Pois não. Quem são os senhores? Meu nome é Manoel Tourinhos, sou angolano e vivo há muitos anos em Curralinho. Este é José Silva, mas todos o chamam de Zé do Boi. Muito prazer. Desculpem recebê-los aqui, mas é que nesta época do ano vêm muitos turistas e passam o final de semana, passeiam, enfim, vocês sabem. Do que se trata? Há alguns meses, três homens invadiram meu comércio para roubar. Eu os repeli, mas eles levaram minha esposa como refém e a mataram. Além disso, eles a esquartejaram. Estou seguindo a

pista de um desses homens, e a última notícia que ouvi foi de que estaria escondido aqui, na fazenda Murunim. Por favor, sempre me disseram que os proprietários não saberiam disso. Silêncio. Sinto muito o que lhe aconteceu, prezado angolano. Isso deve ter sido terrível. Não sei se posso lhe ajudar, mas é que, infelizmente, uns três dias atrás um homem foi morto próximo daqui. Ele estava morando com Das Dores, viúva de um vaqueiro antigo, muito querido. Eu não sabia. Encontraram morto, na praia. Tive de chamar polícia, todas essas providências desagradáveis. Muito chato pra mim um acontecimento desses. E o corpo? Enterraram por aqui, não sei onde. Walter, meu capataz, pode mostrar. Sabem qual era o nome dele? Walter pode levá-los até Das Dores. Ela deve saber. Era parente dela. Mas, por favor, com discrição. Tenho hóspedes. É desagradável.

A mulher estava encolhida num canto do casebre de taipa. Quase não falava. Foi preciso Walter pedir. Ele era meu sobrinho. Apareceu aqui pedindo pra ficar um tempo. Ficava por aí o dia todo sem fazer nada. Veio uma parenta chamar ele. Quando voltou tava estranho. Calado. Não saía de casa. De noite, foi dar uma volta. Mirtes, mulher do Jacaré, sabe, veio me dizer. Teu sobrinho tá morto. Ai, Dioclécio, por que, meu Deus? Sinto muito.

Resolveu seu assunto? Da pior maneira. Queria pegar esse homem. Vou ficar sem minha vingança. Talvez tenha sido melhor assim. Pense bem. Você me parece um homem razoável, educado. Sinto pela sua tragédia, mas Deus sabe o que faz. O barco sai de madrugada levando os turistas para Soure.

Quer pegar uma carona? Vamos. Melhor amarrar a rabeta e ir mais seguro. Calados a viagem toda. De Soure em diante, novamente na rabeta, direção de Curralinho, Zé do Boi falou. Portuga, vou te falar uma vez sobre isso. Vou te dizer pra tu saberes por que eu tô contigo de verdade. Eu queria te matar. Queria te matar porque tu me roubaste Ana Maura. Antes de tu apareceres, ela era minha namorada. O pai não gostava porque eu era só um vaqueiro. Mas nós namoramos desde criança. Brincamos juntos. Ela foi estudar. Eu fui pro pasto. Mas nos finais de semana nos encontrávamos pra dançar. Aparecia uma aparelhagem e lá nós íamos dançar. O pai ficava puto, mas não podia fazer nada. E tu chegaste, com esse teu sotaque de portuga, todo branquinho, boas maneiras, e ela se apaixonou. E eu não pude fazer nada. Podia te matar, inventar qualquer coisa, mas não o fiz. Pra tu teres uma ideia do meu amor por ela. Eu amava tanto que deixei ela ir contigo, para não a machucar. No dia do casamento, eu fiquei de longe. Bebi pra caralho, mordi tanto a mão de vontade de te dar porrada que saiu sangue. E depois fiquei, de longe, olhando a luz do quarto se apagar, sabendo que tu estavas... bem... tu não tens ideia como isso me doía. Dói, ainda. Eu te roguei uma praga, Portuga. Uma pssica pra vocês não serem felizes. Pra ela voltar pra mim. Pra matar a vontade de ter a vida que não tive com ela. Os filhos. Então, eu ia depois do trabalho, quase sempre, lá pra venda. Ela sabia que eu olhava pra ela. Um dia, tu não sabes, ela veio me dizer pra deixar de ir lá. Que sabia do meu sofrimento, mas não podia mentir. Que te amava. Que não me amava mais.

Que eu compreendesse. Como? Então, eu ia e ficava por ali. Tu nunca percebeste. Então, quando aconteceu o... tu sabes... eu quis te matar. Pra mim tu tinhas deixado eles matarem Ana Maura. Pensei, planejei a tua morte. Ia pra cadeia, sem problema. Que vida eu tinha, sem ela? Aí tu me chamaste pra vingar Ana Maura. Eu topei. Sim, eu queria matar todos os caras. Todos. E ainda falta um, já esqueceste. Não, não esqueci. Portuga ouvia e discretamente procurava o cabo de sua faca. Então eu pensei que, depois de pegar Pitico, eu te matava, em um momento como esse, eu e tu, sozinhos, na rabeta. Portuga, tu acabaste com a minha vida sem mexer em nada. Tu levaste o meu amor. Tu levaste Ana Maura. Ficou um silêncio. Zé, eu também não tenho mais nada. Penso até em sair de Curralinho. Fazer a vida em outro lugar. O que faço agora, se para onde olho Ana Maura está? E esta terra tão grande e linda, mas sem lei, sem nada. Olha, se ainda queres me matar, me mata. Tirou a faca e jogou no fundo do barco. Faz o que quiseres. Silêncio. Portuga, eu não vou te matar. Não é por falta de coragem. É porque não é direito. Se tu não tens nada, eu também não tenho. Bela dupla fazemos. Um atira no outro, então? Tu queres fazer outra coisa, ir embora? Estás melhor que eu que nem isso tenho. Quando chegar a Curralinho, vou... olha, é aniversário de Breves. Vou a Breves, esvaziar a cabeça. Vamos, Portuga? A gente bebe umas e chora as mágoas, enterra tudo por lá. Não sei, Zé. Está me batendo agora um cansaço enorme. Tem um vazio. Queres saber? Vamos pegar aquele filho da puta que está faltando. E vamos a Breves! ■



– Edyr Augusto nasceu em Belém (PA), em 1954. Fez sua estreia no romance com *Os équas* (1998). Também é autor de Moscow (2001). Casa de caba (2004) e da coletânea de contos Um sol para cada um (2008), todos publicados pela Boitempo Editorial. Em 2013, Os éguas foi lançado em francês (sob o título *Belém*) e, neste ano, recebeu o prêmio Caméléon de melhor romance estrangeiro, na Université Jean Moulin Lyon 3. O texto publicado pelo Cândido faz parte do próximo romance do autor, Pssica, que será lançado neste mês. Edyr Augusto vive em Belém (PA).



JOAQUIM, A MÃE E EU

moro com a mãe num apartamento pequeno no primeiro andar de um edifício no centro de curitiba, na rua voluntários da pátria. dois quartos com dez metros quadrados cada um. um banheiro, sala e cozinha conjugadas e uma sacada - a qual usamos para pendurar o varal móvel que utilizamos para secar as roupas. não dispomos de muita coisa, sofro de dermatite crônica, a mãe sofre com a minha dermatite crônica e também de esquizofrenia. só dela. há cinco dias que não troca a camisola de gatinhos pretos. temos quadros incompreensíveis embutidos em molduras de papelão e espalhados pelos cômodos. meu irmão os pintou quando tinha dez anos, durante suas primeiras aulas de pintura. uma pincelada amarela desvencilha-se de um jato de tinha azul; um traço vermelho junta-se com um marrom. eram as coisas mais surrealistas que havia visto, considerando, claro, meu vasto repertório em artes plásticas. mas eles simplesmente não me comovem. não passam de rabiscos feitos por uma criança. para a mãe, eles corroem o espírito, a ponto de deixá-la imóvel por algumas horas. às vezes ela pega uma cadeira e a coloca exatamente a trinta centímetros de um dos quadros e permanece ali até que o telefone toque ou até algum de nossos vizinhos bater infinitamente na porta. ou até oferecer-lhe

algo para comer. desenvolveu uma fixação doentia pelas pinturas, agravada pelas grandes quantidades de pílulas que toma todos os dias. uma obrigação invisível. certa vez ela me disse que não via apenas rabiscos, traços desconexos, linhas involuntárias, percebia nos quadros verdadeira devoção desencadeada pelas pequenas mãos de meu irmão. enxergava sentido numa linha completamente só. talvez visse uma ponte que a ligasse até o outro lado, que a tirasse daquele estado insólito, desestruturado. me culpo pelo estado da mãe. sinto como se deixasse de fazer coisas que estão ao meu alcance, deixando-a irremediavelmente se desmanchar, empurrando-a de um precipício pouco visível aos meus olhos, mas nítido e profundo aos dela.

joaquim está morto. enterrado sob quilos de terra. a mãe chama por ele de tempos em tempos. as minhas bolhas expelem pus e sangue. o pus misturado ao sangue dá um aspecto aguado e deixa-o menos rubro. um par de tênis, uma calça jeans e camiseta preta. era o que joaquim vestia quando o colocaram no caixão. pedi para a mãe que ele fosse cremado, mas ela preferiu seguir os padrões cristãos instituídos e colocá-lo numa caixa de madeira para que apodrecesse lentamente e, assim, pudesse visitá-lo toda semana. ela tinha medo

de perdê-lo duas vezes. dizia que uma já lhe arrancara as esperanças, a outra lhe arrancaria a vida. as mãos de joaquim estavam levemente sujas; as unhas compridas. no dedo indicador, um fiapo de terra. num estado de brancura completo. o corpo imerso em flores, a cabeça um pouco desalinhada tendendo à direita. percebo um traço de luz transpor a janela cor de cobre. toca-o na altura da comissura dos lábios, confere-lhe um sorriso tímido, quase imperceptível, que logo se esvai, a medida que uma nuvem avança e enterra a luz e o sorriso de meu irmão.

minha relação com ele era restrita, como se só nos falássemos em instantes obrigatórios. o sentimento que joaquim proporcionava às pessoas que o visitavam em nossa casa ou quando íamos visitá-las causava-me tremores, que me perseguiam por todos os lados. as pessoas o acolhiam de uma maneira que ele, a qualquer momento, poderia destruí-las ou lhes ocupar infinitamente. seus âmagos ficavam expostos. suas carnes ficavam expostas. e se me pedissem para buscar algumas xícaras de chá e trazê-las até a sala, eu simplesmente trazia.

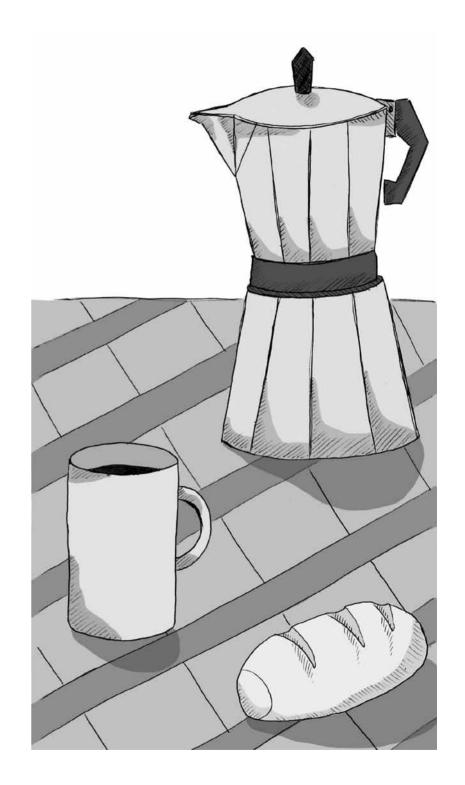
joaquim era estruturado sob pequenas pernas. braços longos; a cabeça achatada. me perguntava como. como ser de tão pouca estrutura pode me arrefecer, me demolir sem se mover. e a mãe, desapercebida, continuar a me subjugar, igual como subjugam as ovelhas num pasto. por dentro, as coisas revelavam-se insuportáveis. por fora, mantinha-me alinhado. não demonstrava nenhuma atitude que atingisse a mãe ou joaquim. mantinha-me distante. e da distância se fazia a vida.

os dias para nós não eram muito cheios. a começar pelo café da manhã. pão seco e café. e se reclamássemos, a mãe desandava a gritar. dizia que éramos ingratos por desdenhar do pouco que tínhamos. o que ela não entendia é que o pouco logo se transformaria em nada. quando andávamos até a mercearia para comprar o que comeríamos no almoço, a mãe vinha ao nosso lado, cuidando para que nada nos acometesse. à frente joaquim, sempre a raspar a mão sobre os muros e cuidando para não pisar nas linhas que dividiam um bloco de calçada de outro, e eu, atrás, tentando acompanhar com o olhar cada objeto que atravessava por nós. neste eterno caminho, aceitávamos que nos era imposto. a condição que nos era estabelecida. não tínhamos obsessões, só assombros e coisas pequenas.

de quando em quando meu irmão morava dentro de mim. as coisas impossíveis mostravam-se um pouco menos desestruturadas. como se joaquim pudesse transportá-las em cápsulas dentro de nós. pois quando ele morava dentro de mim, éramos nós.

antigamente íamos até o final da rua jogar bola. fazíamos dos chinelos as traves; do meio-fio os flancos desajeitados. a mãe nos chamava: uma, duas, três, quatro vezes. se merecêssemos a quinta, nos buscava trazendo consigo um pedaço de cabo de vassoura, amontoando xingamentos. mas procurávamos não aborrecê-la. ela já tinha problemas demais.

a mãe nos desfez em dois. se fôssemos só um, não aguentaríamos a decomposição do mundo, dizia. mas éramos. joaquim e eu éramos só um. éramos. ■



Nictor H. Turezo nasceu em 1993. Integrou as coletâneas *Livro* dos novos 2 e Novos autores curitibanos. Também teve textos publicados no jornal RelevO e nas revistas Jandique e Flaubert. Vive em Curitiba (PR).

ENSAIO | ANTONIO COSTA

CLIQUES EMCURITIBA





Antonio Costa é fotógrafo há 30 anos. Começou a carreira nos jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná. Durante duas décadas fez parte da equipe de repórteres fotográficos da Gazeta do Povo. As fotos apresentadas nesta edição, segundo ele, registram a Curitiba de várias tribos. "É o povo que passa apressado sem perceber a borboleta, aquecendo-se no para-brisa sujo do veiculo estacionado. Muros usados como galeria de arte urbana. A cidade dos espaços de arte", explica o fotógrafo.







POEMA | WILLIAM TECA

curitiba você era toda lindinha lascívia e recato no encanto caipira de suas ruas molhadinhas

onde escorregam saltões de dondocas que têm petit pavê com os manobristas de carro do palácio do batel

e os piás (barbudinhos) usam cachecules e camisetas de brexó mas não usam camisinhas e se fazem de rudes sensuais na tv

ah curitiba cadê você na minha madrugada me fazendo cafuné com sua geada enquanto destruo o tapouere de batata palha na barraquinha de cachorro quente da rui barbosa

curitiba (ah curitiba)
por que suas polaquinhas
perderam a classe
(viraram cosmopolitas multimídias)
e caminham descalças pela cruz machado
estragando a chapinha do salão marli
depois de voltarem infelizes de santa
pelo itinerário da rodovia dos minérios
(trás um jarro de tinto da casa
e uma overdose de polenta frita com frango)
pra procurar um taxi
(às duas da manhã aham)

curitiba (que segundo o millor já foi do mundo) e agora abriga versões não musicadas de hendrix na praça tiradentes sem dentes e cheia de craques (recitando a litania do silêncio pelo largo coronel enéas)

curitiba me deu saudade de você e de seu sotaque e hoje à mercê desse sentimento ingrato pegarei um ônibus lotado e vou pra almirante tamandaré

